

CARREIRA CLÍNICA E CIENTÍFICA NOTÁVEL

A grande entrevista desta edição conta o percurso notável, como nefrologista, investigador e professor universitário, do **Prof. Manuel Pestana**, que, nos últimos 25 anos, dirigiu o Serviço de Nefrologia da atual Unidade Local de Saúde de São João, no Porto, contribuindo para diferenciar a prática clínica e impulsionar a atividade científica. A conversa também inclui temas como o interesse pela ética, a participação ativa na Sociedade Portuguesa de Nefrologia e a dedicação à pintura, gosto que descobriu há cerca de 15 anos. **P.8-9**



EDIÇÃO DIGITAL

COMPROMISSO COM A SAÚDE RENAL



DIREÇÃO DA SPN NO TRIÉNIO 2025-2027: Dr.ª Maria Guedes Marques (vogal), Dr.ª Manuela Almeida (vogal), Dr.ª Ana Farinha (vice-presidente), Prof. Edgar Almeida (presidente), Dr.ª Ana Cortesão Costa (tesoureira) e Dr. Luís Resende (secretário).

Com energias renovadas e em estreita colaboração com os seus grupos de trabalho, a direção da Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN) delineou para 2026 uma robusta oferta formativa e científica. Até à data de fecho desta edição, já decorreram o Curso de Sedimento Urinário (**P.13**), vários módulos teóricos e práticos do Curso de Nefrologia de Diagnóstico e Intervenção (**P.14-15**) e o Simpósio de Alterações Metabólicas na Doença Renal Crónica Avançada (**P.16**). Mais formações serão anunciadas nos próximos meses, em áreas como a morfologia renal, o tratamento médico conservador, a genética e a diálise peritoneal. O primeiro trimestre tem como ponto alto as celebrações do Dia Mundial do Rim, em março, este ano com destaque para realização de rastreios da doença renal crónica na Assembleia da República, visando sensibilizar os decisores políticos para a importância de lançar medidas promotoras da saúde renal (**P.12**).

NEFROLOGIA NUM HOSPITAL MILITAR

Cuidar dos militares e das suas famílias é a principal missão do Hospital das Forças Armadas/Polo de Lisboa, onde o Serviço de Nefrologia continua em crescimento, com idoneidade formativa e programas de hemodiálise e diálise peritoneal consolidados. Os valores militares, como a camaradagem e a coesão, inspiram a atividade diária de uma equipa que preza o humanismo e a proximidade com os doentes, destacando-se em áreas como o rim do desportista e a intervenção nefrológica em situações de catástrofe. **P.10-11**



PUB.

PUBLICIDADE

CSL



Daniel vive com
Doença Renal Crónica

Nefrologia:

Lançamento de fármacos da próxima geração

As pessoas que sofrem de doença renal crónica enfrentam um caminho longo e difícil, associado a inúmeras complicações que afetam gravemente a sua sobrevivência e a sua qualidade de vida. Estabelecemos parcerias com a comunidade médica, para melhorar a vida dos doentes com necessidades médicas não satisfeitas, abordando todo o espectro da doença renal crónica.

Para mais informação visite cslvifor.pt

PT-NA-2500062 novembro 2025

Driven by **Our Promise**

UM OLHAR SOBRE 2025, UM COMPROMISSO COM 2026

Para a Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN), 2025 foi um ano de muito trabalho, muitas vezes invisível, mas que importa destacar e valorizar.

Mantivemos o nosso compromisso com a formação, realizando cursos e ações de atualização que contaram com a participação ativa dos nossos sócios. Promovemos a atividade dos Grupos de Trabalho da SPN, apoiando, estimulando e desafiando as suas iniciativas em prol da afirmação da Nefrologia portuguesa. Criámos, com elevada expectativa, o Grupo de Trabalho de Doenças Cardiorrenometabólicas.

A criação de registos de doenças nefrológicas, que sirvam de fonte de estudo e investigação no futuro, é um desígnio da SPN. Nesse sentido, em 2025, foram lançadas as bases para os registos de vasculites, nefropatia por imunoglobulina A, glomerulopatia C3, paraproteínas e hiperoxalúria.

Em março, celebrámos o Dia Mundial do Rim, organizando uma sessão de sensibilização da sociedade civil para a doença renal crónica, durante a qual foi anunciada a publicação do Plano de Ação para a Implementação da Estratégia Nacional para a Promoção da Saúde Renal e Cuidados Integrados na Doença Renal Crónica 2023-2026, documento que contou com a participação ativa da SPN.

A participação da Nefrologia portuguesa no congresso da European Renal Association (ERA), em junho, foi, uma vez mais, um sucesso e uma demonstração da qualidade da formação e do trabalho realizado no nosso país. A SPN atribuiu bolsas aos dez melhores *abstracts* submetidos pelos nossos sócios.

O Encontro Renal 2025 realizou-se em novembro, no Estoril, distinguindo-se com um congresso de elevado sucesso científico, inovação e visão sobre o futuro da Nefrologia. Foi também uma oportunidade de internacionalização e afirmação da Nefrologia portuguesa, com a participação da presidente da ERA e dos presidentes das Sociedades Brasileira e Espanhola de Nefrologia. Outro destaque de 2025 foi a afirmação do *Portuguese Kidney Journal* (PKJ), revista científica da SPN, que obteve a tão desejada indexação na SCIELO.

A história da Nefrologia não foi esquecida. Com a colaboração dos Serviços de Nefrologia das Unidades Locais de Saúde de Lisboa Ocidental e de São José, e a participação de reconhecidas personalidades da sociedade civil, a SPN organizou uma homenagem ao Prof. Jacinto Simões, no centenário do seu nascimento (**páginas 20 e 21**).

ELEVADAS EXPECTATIVAS PARA 2026

Assim, é com enorme responsabilidade e elevadas expectativas que projetamos o ano de 2026. Em março, para assinalar o Dia Mundial do Rim, realizaremos um rastreio de doença renal crónica (DRC) na Assembleia da República (**página 12**), procurando influenciar



e sensibilizar os decisores políticos para a tomada de medidas que invertam a elevada incidência desta patologia em Portugal.

Mantemos o compromisso de incentivar a investigação e a formação em Nefrologia dos nossos sócios, com a criação de bolsas monetárias e a realização de formações em colaboração com os grupos de trabalho da SPN, nomeadamente sobre alterações metabólicas na DRC avançada (**página 16**), sedimento urinário (**página 13**), morfologia renal, tratamento médico conservador, genética e diálise peritoneal.

Também pretendemos firmar parcerias com outras sociedades médicas nacionais e internacionais, alargando a área de influência da Nefrologia portuguesa. No final do ano, realizar-se-á o Encontro Renal 2026, desta vez em Braga (**página 4**), que será uma nova oportunidade de demonstração da excelência do trabalho desenvolvido pela Nefrologia portuguesa.

Sublinho ainda a criação do Núcleo de Médicos Internos da SPN (**página 5**), através do qual pretendemos ir ao encontro dos nossos sócios em formação, percebendo as suas necessidades e expectativas. Um dos objetivos é que os internos sugiram à SPN iniciativas podemos explorar, numa perspetiva de melhoria e colaboração mútuas.

Contamos com a colaboração e a participação de todos os sócios da SPN para alcançarmos, com sucesso, os objetivos de 2026! ■

Luís Resende

Secretário da Sociedade Portuguesa de Nefrologia

ÓRGÃOS SOCIAIS DA SPN (2025-2027)

DIREÇÃO

Presidente: Edgar Almeida

Vice-presidente: Ana Farinha

Secretário: Luís Resende

Tesoureira: Ana Cortesão Costa

Vogais: Maria Guedes Marques e Manuela Almeida

Representante da Nefrologia Pediátrica: Carmen do Carmo

CONSELHO FISCAL

Presidente: José António Lopes

Vogais: Ana Rita Martins e Joana Gameiro

MESA DA ASSEMBLEIA-GERAL

Presidente: Manuel Amoedo

Vice-presidente: Ana Paula Silva

Secretário: Luís Falcão

FICHA TÉCNICA

Propriedade:



Sociedade Portuguesa
Nefrologia

Largo do Campo Pequeno n.º 2, 2.º A
1000-078 Lisboa
Tel.: (+351) 217 970 187
geral@spnefro.pt • www.spnefro.pt



Edição:



Rua Eng.º Fernando Vicente Mendes, n.º 3F (1.º andar), 1600-880 Lisboa
Tlf.: (+351) 219 172 815 • geral@esferadasideias.pt

Direção de projetos: Madalena Barbosa e Ricardo Pereira

Coordenação editorial: Pedro Bastos Reis

Textos: Madalena Barbosa, Pedro Bastos Reis e Raquel Oliveira

Design/Web: Ricardo Pedro

Fotografias: Egídio Santos, Nuno Branco e Rui Santos Jorge





O Encontro Renal de 2026 realizar-se-á entre 7 e 10 de outubro, no Forum Braga, incluindo o dia de cursos pré-congresso. Pela primeira vez, a organização foi entregue ao Serviço de Nefrologia da Unidade Local de Saúde (ULS) de Braga, que é dirigido pelo **Dr. Rui Costa** desde 2023.

“Queremos criar um espaço de partilha de experiências profissionais, que possa também permitir uma reflexão das nossas práticas correntes. Esperamos organizar um congresso nacional com a marca da realidade nefrológica no Minho”, afirma o presidente do Encontro Renal 2026. Uma vez que “o Serviço de Nefrologia da ULS de Braga é ativo na articulação com

a Universidade do Minho, na investigação, participando em vários ensaios clínicos, e em grupos de trabalho da Sociedade Portuguesa de Nefrologia”, Rui Costa avança que uma parte do programa científico incidirá nas atuais áreas de investigação em Nefrologia.

Por outro lado, a comissão organizadora pretende incidir sobre “temas que não tenham sido muito abordados nos últimos anos”, adiantando que haverá um debate em torno das “mais recentes atualizações ao manual de boas práticas do Colégio de Nefrologia da Ordem dos Médicos”. Embora ainda numa fase embrionária, o Serviço de Nefrologia da ULS de Braga “está a trabalhar no programa científico em estreita colaboração com a direção da SPN”, sendo esperada a divulgação de mais informações nos próximos meses.

Questionado sobre a participação de preletores internacionais, Rui Costa refere que “existe uma ótima relação com a Sociedade Brasileira de Nefrologia e com a Sociedade Espanhola de Nefrologia, pelo que é de esperar a presença dos seus representantes”. “Queremos que esta ligação se mantenha, para reforçarmos os laços com as comunidades nefrológicas desses países”, realça. À semelhança do que aconteceu nos últimos dois anos, o Encontro Renal 2026 apostará ainda na formação pré-congresso, no dia 7 de outubro, com cursos cujos temas e programas estão a ser delineados.

Definindo o Serviço de Nefrologia da ULS de Braga como “ambicioso e em crescimento”, Rui Costa destaca ainda a “heterogeneidade dos seus membros em termos de origem e formação, traduzindo-se numa abordagem diferenciada que enriquece a discussão e a evolução do próprio Serviço”. A equipa é composta por 15 nefrologistas, que estão a colaborar ativamente na organização do Encontro Renal 2026. ■ **Pedro Bastos Reis**

PROJETO SOBRE PAPEL DA GENÉTICA NA DRC DISTINGUIDO COM PRÉMIO DE INVESTIGAÇÃO ANADIAL-SPN



EQUIPA DO PROJETO VENCEDOR:
Prof.ª Isabel Carreira, Prof. Rui Alves (à frente), Dr.ª Ilda Ribeiro,
Dr.ª Bárbara Oliveiros e Dr. Filipe Mira (de pé).

“É uma honra e um orgulho receber este prémio, que valoriza o esforço subjacente ao nosso trabalho, reconhecendo o seu impacto e o interesse para a prática clínica”, afirma o Dr. Filipe Mira, primeiro autor do estudo e nefrologista na Unidade Local de Saúde (ULS) de Coimbra, evidenciando que este foi o primeiro Prémio de Investigação ANADIAL-SPN entregue a um trabalho ainda em curso.

Segundo o também docente na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, o projeto tem como objetivo “encontrar um modelo

“Análise de fatores genéticos de progressão de doença renal na população portuguesa” é o título do projeto vencedor da 4.ª edição, de 2025, do prémio de investigação atribuído, anualmente, pela Associação Nacional de Centros de Diálise (ANADIAL) em parceria com a Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN). No valor de dez mil euros, a distinção foi entregue no último dia do Encontro Renal 2025, a 22 de novembro.

poligénico de maior propensão para doença renal crónica [DRC] na população portuguesa”. “Queremos perceber se existem alterações genéticas consistentes, tendo em conta a maior prevalência de DRC em Portugal, comparativamente a outros países europeus”, revela.

O projeto começou a ganhar forma em 2021, com o início do doutoramento de Filipe Mira, materializando-se numa meta-análise, em 2024. “Neste momento, estamos na segunda fase, de caso-controlo, em que pretendemos comparar duas populações: doentes com DRC terminal em idade precoce e doentes sem DRC com idade avançada e função renal preservada, para identificar variantes genéticas associadas ao desenvolvimento e à progressão da doença”, esclarece o investigador.

Filipe Mira avança que o próximo passo será realizar uma análise a cinco anos, incluindo três anos de seguimento prévio na consulta, para avaliar o impacto do modelo poligénico identificado. “Com a colheita do estudo genético, pretende-se perceber se existe uma progressão mais rápida da DRC associada a assinaturas genéticas.” A equipa de investigação é translacional, integrando profissionais de Nefrologia, Genética e Bioestatística. ■

Pedro Bastos Reis



Prof. Edgar Almeida (presidente da SPN), Prof. Rui Alves (membro da equipa de investigação premiada) e Dr. Paulo Dinis (presidente da ANADIAL) na cerimónia de entrega de prémios do Encontro Renal 2025.

CONSTITUÍDO NÚCLEO DE INTERNOS DE NEFROLOGIA

A Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN) constituiu, oficialmente, o seu Núcleo de Médicos Internos de Nefrologia (nMIn), que é composto por sete membros “de todos os anos de formação e de várias regiões do país”. “O objetivo é que todos os internos tenham um representante de referência do seu ano de internato e da sua região, para poderem contactar a SPN facilmente e explicitarem as suas necessidades”, refere o **Dr. Bernardo Marques da Silva**, coordenador do nMIn e interno do 5.º ano na Unidade Local de Saúde (ULS) de Santa Maria, em Lisboa.

Com a criação do nMIn, a SPN tem como principal objetivo apoiar os sócios em formação. “Queremos saber

quais são as suas necessidades e expectativas, para identificar iniciativas que podemos explorar numa perspetiva de melhoria e colaboração mútua”, afirma o **Dr. Luís Resende**, secretário da SPN e nefrologista no Serviço de Saúde da Região Autónoma da Madeira/Hospital Dr. Nélio Mendonça, no Funchal.

Segundo avança Bernardo Marques da Silva, a atividade do nMIn assenta em quatro eixos fundamentais: divulgação científica e comunicação; formação e capacitação dos internos; investigação e colaboração multicêntrica; internacionalização e ligação à

European Renal Association. A formação será essencial na atuação do nMIn. “A SPN tem uma oferta formativa cada vez maior, mas também queremos transmitir outras necessidades.”

Está também em vista a criação de uma sessão do nMIn no Encontro Renal dedicada aos internos e a organização de reuniões semestrais para discussão de casos clínicos. “Pretendemos ainda criar uma plataforma para partilhar relatos de estágios opcionais, particularmente os que são realizados no estrangeiro e com o apoio de bolsas da SPN”, adianta o coordenador.

Segundo Luís Resende, o nMIn permitirá “tornar os médicos internos de Nefrologia uma voz ativa e fundamental nas atividades da SPN”. “Trata-se de um grupo de colegas motivados, com iniciativa e ideias, que são uma mais-valia para a SPN e para a formação de excelência em Nefrologia no nosso país”, conclui o nefrologista. ■ **Pedro Bastos Reis**



COMPOSIÇÃO DO nMIn

- Dr. Bernardo Marques da Silva, ULS de Santa Maria (coordenador)
- Dr. António da Silva Inácio (ULS da Arrábida)
- Dr.ª Beatriz Mendes (ULS da Arrábida)
- Dr.ª Cláudia Coelho (ULS de Braga)
- Dr. Henrique Rodrigues (Hospital Dr. Nélio Mendonça, Funchal)
- Dr.ª Mariana Morais (ULS do Médio Tejo)
- Dr. Rodolfo Almeida (ULS do Algarve)



nucleointernosspn@gmail.com

REGISTO DE NEFROPATIAS EM DESENVOLVIMENTO

Um novo registo dedicado às nefropatias está a ser desenvolvido pela Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN). De acordo com a Dr.ª Ana Marta Gomes e a Dr.ª Sofia Santos, responsáveis pelo projeto, é expectável que o registo esteja em funcionamento até meados de 2026, encontrando-se atualmente em fase de autorização junto de comissões de ética, em paralelo com o desenvolvimento da plataforma digital.

“Pretendemos ter acesso à informação clínica dos doentes em Portugal, de forma a conhecermos a realidade do país em termos de nefropatias, à semelhança do que já acontece noutros países europeus”, explica Sofia Santos, nefrologista no Hospital das Forças Armadas/Polo do Porto. Ana Marta Gomes acrescenta que este será “um registo prospetivo, que permitirá identificar e acompanhar a evolução dos doentes”. “Teremos dados clínicos, analíticos, histológicos, genéticos e imagiológicos. Anualmente, registaremos os *outcomes* renais, nomeadamente a taxa de filtração glomerular, a proteinúria e a hematúria”, indica a nefrologista na ULS de Gaia/Espinho.

Para a fase inicial, de teste do registo, a SPN selecionou 12 centros com o critério do maior número de biópsias renais realizadas. Inicialmente, serão apenas inseridos dados de doentes com nefropatia por imunoglobulina A, mas o objetivo é ir alargando a todas as nefropatias. “Logo que possível, convidaremos todos os centros a participar”, garante Sofia Santos.

Com a criação de um registo dedicado às nefropatias pretende-se não só conhecer a realidade nacional, como também fomentar a realização de estudos multicéntricos aos níveis nacional e internacional. Para isso, será necessária a colaboração dos vários Serviços de Nefrologia. “Alcançar benefícios dependerá da colaboração de cada centro. Portanto, pretendemos que o registo não seja muito exaustivo, para ser fácil de preencher e contar com a adesão dos nefrologistas”, assegura Ana Marta Gomes. E Sofia Santos conclui: “Esta iniciativa visa beneficiar toda a comunidade nefrológica.”

■ **Pedro Bastos Reis**



Dr.ª Ana Marta Gomes



Dr.ª Sofia Santos

HOMENAGEAR E SENSIBILIZAR PARA A DOAÇÃO EM VIDA



O casal Afonso e Ana Augusto (à esq.) partilhou a sua experiência de doação ABO incompatível. Nesta sessão, moderada pela jornalista Leonor Hemsworth, entrevistaram ainda a Prof.ª Ana Cerqueira, o Prof. João Frazão e o Prof. João Silva.



A Dr.ª Susana Sampaio afirmou que a doação de rim em vida tem vindo a aumentar, mas Portugal "ainda está aquém de alguns países europeus".

A 13 de dezembro passado, a Unidade Local de Saúde (ULS) de São João, no Porto, promoveu uma cerimónia de homenagem aos dadores de rim em vida. Estiveram presentes 120 pares dador-recetor acompanhados neste hospital, cujo programa de dador vivo foi iniciado há 20 anos.

"Quisemos passar a mensagem da importância do programa de transplante de dador vivo para as gerações mais novas, para que a possam valorizar desde cedo na sua carreira, porque persistem alguns mitos, inclusive entre médicos. O nosso maior objetivo é melhorar e continuar a aumentar a capacidade de transplantação", justifica o Prof. João Frazão, diretor do Serviço de Nefrologia da ULS de São João.

Para isso, também é fundamental transmitir à sociedade civil que "a doação de rim em vida é segura". "Temos cerca de 1800 doentes em lista de espera para transplante renal em Portugal, pelo que é crucial aumentar o número de dadores", sustenta a Prof.ª Ana Cerqueira, coordenadora do programa de transplante renal ABO incompatível da ULS de São João, criado em 2025.

Segundo a Dr.ª Susana Sampaio, no ano passado, foram transplantados 18 doentes na ULS de São João com rins de dadores vivos. "Temos assistido a um incremento nos últimos anos, mas ainda estamos aquém de alguns países europeus. É um equilíbrio difícil de atingir, mas temos margem para aumentar o número de dadores", assegura a coordenadora médica da Unidade de Transplante Renal da ULS de São João, reforçando a segurança do procedimento, ao garantir que "todos os dadores são exaustivamente avaliados".

A cerimónia contou com a presença de representantes de várias instituições e unidades de transplantação renal do país, bem como do Dr. Domingos Machado, nefrologista e primeiro dador de rim altruísta em Portugal. O evento incluiu ainda vários momentos simbólicos, como a iluminação a verde do Hospital de São João, remetendo para a importância da doação de órgãos, e a entrega de medalhas aos dadores.

■ Pedro Bastos Reis



Os dadores e recetores escreveram mensagens em papéis com forma de rim, que deram origem a esta "árvore da vida".

PINTURA DO PROF. RUI ALVES OFERECIDA À SPN



O Prof. Rui Alves, ex-diretor do Serviço de Nefrologia da Unidade Local de Saúde (ULS) de Coimbra, ofereceu uma pintura da sua autoria, em acrílico sobre tela, à Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN), que a tem exposta na sua sede, em Lisboa. A entrega da obra de 40x30 cm decorreu durante o jantar do Encontro Renal 2025, a 21 de novembro, no Estoril. Nesse momento, foi também anunciado que Rui Alves passou a integrar a lista de membros honorários da SPN, conforme decisão tomada na assembleia-geral de junho passado.

"Foi uma grande distinção da assembleia-geral e da direção da

mas, pouco a pouco, passou a ter um objetivo concreto e surgiu-me a ideia de reunir, no mesmo quadro, uma espécie de puzzle com uma síntese do que tem sido a Nefrologia nos últimos 50 anos em várias componentes", explica. Assim, a pintura inclui "uma perspetiva histórica", remetendo para as componentes científica e tecnológica. "Trata-se de uma despretensiosa visão global da Nefrologia e da forma como nós, nefrologistas, perspetivamos esta especialidade originária da Medicina Interna", indica Rui Alves, acrescentado que, nesta obra, também procurou expressar "o humanismo subjacente a uma ciência de compaixão".

Rui Alves começou a dedicar-se mais à pintura na década de 1990, tentando conciliar este *hobby* com a atividade profissional. "Comecei por pintar a óleo e, depois, passei a utilizar mais a tinta acrílica. Hoje em dia, pinto sobretudo com pincel e espátula, de que gosto muito", refere o nefrologista, revelando que o expressionismo, nomeadamente o abstrato, é o seu movimento artístico de referência.

■ Pedro Bastos Reis



SPN, que muito me honrou", afirma Rui Alves, referindo que estava prestes a concluir a pintura, já com o objetivo de a doar à SPN, quando soube que passaria a ser membro honorário. "Foi uma feliz coincidência", descreve.

O autor conta que a criação desta obra "foi fluindo ao sabor da imaginação e da influência da atividade profissional". "Começou por ser uma divagação,

Vantive



Mais fotografias e vídeos da entrevista

Há cerca de 15 anos, o Prof. Manuel Pestana descobriu o gosto pela pintura, à qual agora se pode dedicar mais. Os quadros que tem pintado retratam, sobretudo, os seus seis netos.

“Tive o privilégio de trabalhar com profissionais de grande qualidade”

O Prof. Manuel Pestana é um nome indissociável da Unidade Local de Saúde de São João (ULSSJ) e da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP), às quais dedicou a sua vida profissional. Durante os 25 anos em que dirigiu o Serviço de Nefrologia da ULSSJ, até se aposentar, no passado mês de outubro, teve como grande objetivo criar condições para consolidar a investigação clínica e translacional, em sinergia com as funções que assumiu nos planos académico e assistencial. Aos 70 anos, encerrou esse ciclo com tranquilidade, reconhecendo que as suas conquistas se deveram, sobretudo, às pessoas com quem teve “a felicidade de trabalhar”. Afirmar-se “confortável” com a nova fase da sua vida, pois tem muito com o que se ocupar, como a pintura, atividade que considera “altamente relaxante”.

Raquel Oliveira Egidio Santos

❗ O que o levou à Medicina e, posteriormente, à Nefrologia?

Tomei a decisão nos últimos anos do liceu estimulado pela perspectiva de ser útil a outras pessoas, indo ao encontro das suas necessidades. Ainda ponderei a Engenharia, mas acabei por seguir Medicina, na Universidade do Porto. Depois, fiz o internato geral e vários anos de policlínica, que incluíram o Serviço Médico à Periferia. Só iniciei o internato de Nefrologia em 1983, cinco anos após terminar a licenciatura. Fascinavam-me os temas da Nefrologia, designadamente os distúrbios do metabolismo ácido-base, da água e do sódio, enquanto objeto de estudo, avaliação clínica, diagnóstico e até investigação. Por outro lado, sentia-me particularmente atraído pelas patologias renais e pela sua avaliação histológica.

❗ Dedicou a sua carreira clínica ao Hospital de São João (HSJ).

Em que áreas se diferenciou?

Dediquei-me, sobretudo, à nefrologia clínica, designadamente à lesão renal aguda, e à diálise peritoneal, que implementei no Serviço de Nefrologia do HSJ. Mais tarde, enquanto diretor, acabei por intervir um pouco em todas as valências, designadamente no transplante renal e na hemodiálise, em particular no âmbito do CRI para a Gestão Integrada da Doença Renal Crónica.

❗ Porque decidiu avançar para o doutoramento em 1989, ainda no início do seu percurso profissional?

Sempre gostei das vertentes de ensino e investigação. Aliás, escolhi realizar o internato da especialidade no HSJ com a perspectiva de desenvolver atividade científica e académica na FMUP, como veio a acontecer. A minha tese de doutoramento terá permitido acrescentar algum conhecimento sobre o papel do sistema dopaminérgico

renal na regulação do transporte da água e do sódio nos túbulos proximais do rim e sobre as suas implicações no controlo da pressão arterial, designadamente da hipertensão sensível à ingestão de sódio.

❗ Em 2000, com 45 anos, tornou-se diretor do Serviço de Nefrologia do HSJ. Quais foram as suas principais prioridades nessa função?

A minha grande motivação era aproximar o Serviço de Nefrologia do HSJ de um modelo universitário. Em Portugal, os hospitais universitários só o são de nome, pois nada os distingue dos demais hospitais em termos estatutários. Este foi sempre um obstáculo difícil de transpor, quando se pretende desenvolver investigação num serviço clínico. No entanto, aproveitando a ligação à FMUP, tentei criar melhores condições para o desenvolvimento de atividade científica. Em 2004, esse esforço foi recompensado, com a criação, pela FCT [Fundação para a Ciência e Tecnologia], da Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Nefrologia.

Esta concretização permitiu criar um laboratório de investigação no serviço clínico, que, atualmente, tem investigadores não médicos a 100%, responsáveis pela coordenação e pelo apoio aos projetos clínicos, o que é fundamental para que os médicos possam dedicar tempo à atividade científica. A unidade foi formando investigadores em diferentes valências da Nefrologia, como o estudo do risco cardiovascular associado às doenças renais, das doenças renais hereditárias, dos distúrbios do metabolismo ósseo associado às doenças renais, do papel do complemento nas doenças renais, avaliação e monitorização dos acessos vasculares para hemodiálise, entre outras.



Prof. Manuel Pestana com a equipa do Serviço de Nefrologia do Hospital de São João, em 2019.

Em 2014, a equipa de investigação integrou o i3S-UP [Instituto de Investigação e Inovação em Saúde da Universidade do Porto], no qual se manteve como grupo de investigação em Nefrologia, até regressar à FMUP, em 2023, para fazer parte de um novo laboratório associado, o RISE-Health.



Jantar de homenagem ao Prof. Manuel Pestana, com colegas do Serviço de Nefrologia e da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.



Encontro promovido pelos profissionais do CRI de Valongo, na sequência da jubilação do Prof. Manuel Pestana, em novembro de 2025.

❗ A diferenciação do Serviço de Nefrologia do HSJ foi outra das suas preocupações?

Exatamente, e isso levou-nos a desenvolver e a implementar diversas valências. Por exemplo, através do Centro de Referência de Transplante Renal – Adultos da ULSSJ, foi possível desenvolver e consolidar esta importante atividade do Serviço de Nefrologia. O HSJ realizava 30 a 40 transplantes renais por ano em 2007 e, atualmente, realiza mais do dobro. Além de ter melhorado em todos os indicadores de qualidade, iniciou o transplante de dador vivo, foi pioneiro no transplante renal com dador em paragem cardiocirculatória, no qual tem a maior casuística nacional com excelentes resultados, e, no último ano, iniciou o transplante de dador vivo ABO incompatível, também com muito sucesso.

Além disso, foi criado o CRI de Gestão Integrada da Doença Renal Crónica [DRC], que está a funcionar muito bem no Pólo de Valongo, presentemente vocacionado para o tratamento de hemodiálise, em centro e domiciliária, que recebeu a classificação de ótimo, logo na primeira auditoria de acreditação externa realizada pela DGS. Paralelamente, foi diferenciada a assistência aos doentes renais na área da nefrologia clínica, na consulta e no internamento e foram dados passos seguros para a criação de um centro de acessos vasculares reconhecido pela DGS.

❗ Que legado deixaram os 25 anos da sua direção?

Penso que Serviço de Nefrologia do HSJ é reconhecido pela qualidade assistencial dos serviços que presta aos doentes, em todas as valências, mas é também reconhecido e respeitado nas vertentes científica e académica, graças ao trabalho de uma equipa fantástica! Nada se consegue isoladamente, e eu tive o privilégio de trabalhar e contar com a colaboração de colegas de grande qualidade clínica e científica. Empenhei-me em criar as condições para que todos os grupos profissionais se sentissem respeitados, reconhecidos e motivados na sua atividade, e em deixar um legado nessa linha. Para esse objetivo, a criação do CRI representou um projeto absolutamente estruturante. Hoje, tenho um sentimento de grande tranquilidade e de missão cumprida. O Serviço Nacional de Saúde está mal, mas, posso dizê-lo sem pretensiosismo, o Serviço de Nefrologia da ULSSJ nunca esteve tão bem!

❗ Em paralelo, desenvolveu uma carreira académica. Gosta de ensinar?

Gosto muito de ensinar! Fui regente da disciplina de Nefrologia durante 20 anos e, mais recentemente, fui responsável pela unidade curricular de Medicina – Prática Clínica do 6.º ano da licenciatura da FMUP. Ao longo dos anos, assumi sempre o maior contingente de aulas, com um gosto enorme. Entre 2019 e 2025, dirigi o Departamento de Medicina da FMUP, procurando igualmente contribuir para que todos os colegas se sentissem respeitados, apoiados, reconhecidos e motivados na sua atividade.

❗ Assumi ainda papéis importantes no campo da ética. Como surgiu esse interesse?

Sempre me interessei pelas questões da ética, não só pela relevância que têm na relação e respeito pelos outros e por nós próprios, mas também pelas suas implicações na vertente científica. Durante mais de 20 anos integrei a Comissão de Ética do HSJ, onde fui relator de centenas de pareceres éticos, sobretudo para projetos de investigação submetidos ao HSJ e à FMUP. Mais recentemente, presidi à Comissão de Ética da UP e à Comissão de Ética e Conduta Responsável na Investigação do i3S-UP, participando na elaboração do respetivo regulamento.

❗ Manteve também uma ligação ativa à SPN. Que funções assumiu e porque considerou importante esta participação associativa?

A SPN desempenha um papel muito relevante na atividade científica e formativa dos nefrologistas portugueses. Durante cerca de dez anos, presidi à Comissão Científica

da SPN, tendo colaborado na elaboração de alguns instrumentos que ajudaram a normalizar as candidaturas a bolsas de investigação, a estágios e a prémios. Considero que foi uma atividade muito importante para, com transparência e independência, estimular a atividade científica em Nefrologia e apoiar o trabalho dos nefrologistas, a começar pelos mais jovens. Presidi também, com muito gosto, a Assembleia-Geral da SPN, nos dois mandatos cuja direção foi presidida pelo Prof. Aníbal Ferreira.

❗ Em 2025, passou a ser o editor-chefe do *Portuguese Kidney Journal*, a revista científica da SPN. Que objetivos pretende levar avante?

O grande objetivo é que a revista se afirme, cada vez mais, na comunidade científica nacional e internacional, conseguindo a indexação na PubMed. Também aqui há um trabalho de equipa e tenho tido a sorte de contar com a colaboração de pessoas fantásticas, que me têm ajudado imenso. Aliás, o que consegui fazer ao longo da carreira foi sempre graças às pessoas que tive à minha volta. Nada se constrói sozinho e eu tive o privilégio de trabalhar, em todas as áreas, com profissionais de grande qualidade.

❗ Como analisa a evolução da Nefrologia?

Entre as evoluções muito positivas em praticamente todas as valências da Nefrologia, saliento o caso da transplantação renal, em que Portugal ocupa lugar de destaque, e a possibilidade que os nefrologistas têm hoje de ser mais eficazes a influenciar a progressão da DRC. Nos últimos anos, têm surgido fármacos com grande potencial para atrasar essa progressão, que podem ajudar a modificar significativamente o panorama algo cinzento da prevalência da DRC avançada em Portugal.

Além disso, começam a surgir cada vez mais terapêuticas eficazes para uma intervenção mais específica em patologias renais que, até há pouco tempo, não dispunham de qualquer possibilidade de tratamento. Assim, os nefrologistas estão otimistas por disporem de intervenções cada vez mais eficazes, dirigidas e personalizadas para tratar os seus doentes.

❗ Como está a ser a nova fase da sua vida, desde que se aposentou, no final de outubro?

Estou perfeitamente adaptado e muito confortável com a nova realidade. Profissionalmente, mantenho a atividade de consultório; dou aulas na FMUP esporadicamente; estou a orientar uma estudante de doutoramento em articulação com a Universidade de Oxford; coordeno, em Portugal, o EASI-KIDNEY, um ensaio clínico multicêntrico internacional que pretende avaliar a eficácia de um novo inibidor da síntese da aldosterona (o vidadrostat) sobre a progressão da DRC diabética e não diabética.

Além disso, tenho muito com o que me ocupar, a começar pela pintura, que descobri há uns 15 anos, por influência da minha mulher, que também pinta. É uma atividade altamente relaxante, que estou agora a retomar. Também tenho mais tempo para jogar ténis, ler, dedicar à música e estar com a família e os amigos, o que é excelente! ■



Os principais motivos de pintura do Prof. Manuel Pestana são os seus seis netos.



ALGUNS MEMBROS DA EQUIPA: À frente – Glória Gonzaga (auxiliar de ação médica), Enf.ª Odete Afonso, Enf. Alberto Santos (enfermeiro-chefe) e Dr. Pedro Cruz. Atrás – Enf. João Pinto, Raquel Nunes (assistente administrativa), Dr. Henrique Silva Sousa (chefe do Serviço de Nefrologia) e Dr. Teófilo Yan.

CUIDADOS NEFROLÓGICOS PARA MILITARES E FAMÍLIAS

As semelhanças com a Nefrologia exercida nos hospitais do Serviço Nacional de Saúde (SNS) são muitas. Contudo, a missão do Hospital das Forças Armadas/Polo de Lisboa (HFAR/PL) confere-lhe características singulares, com os valores militares, como camaradagem, coesão e liderança vertical, bem vinculados. Em rota ascendente, o Serviço de Nefrologia tem vindo a sedimentar-se nos últimos anos, contando com programas de hemodiálise (HD) e diálise peritoneal (DP) estruturados, que lhe garantiram a idoneidade formativa.

Pedro Bastos Reis Nuno Branco

O Serviço de Hemodiálise/Nefrologia foi inaugurado no Hospital Militar da Estrela, em 1979. Entretanto, com a fusão dos hospitais militares de Lisboa e a criação do HFAR em 2013, o Serviço de Nefrologia passou por uma profunda remodelação. Henrique Silva Sousa trabalha aqui

Nas palavras do Dr. Henrique Silva Sousa, o Serviço de Nefrologia do HFAR/PL “tem como missão contribuir para que a força militar se mantenha operacional”. No entanto, a capacidade instalada permite assistir também familiares dos militares e até dar resposta a outras necessidades do SNS. “Felizmente, não estamos em guerra, pelo que temos capacidade para dar resposta aos restantes militares e à família militar, que está no cerne da nossa atividade”, explica o chefe do Serviço de Nefrologia do HFAR/PL.

Tenente-coronel do Exército, Henrique Silva Sousa chefia uma equipa composta por três nefrologistas a tempo inteiro e quatro com avença de 12 horas semanais, uma interna de formação específica em Nefrologia, cinco enfermeiros, duas auxiliares de ação médica e uma assistente administrativa. Além dos programas para doentes crónicos em HD e DP, este Serviço assegura várias consultas externas, presta apoio ao internamento e à urgência, assegura a colocação de cateteres de hemodiálise, assim como a avaliação por ecografia dos acessos vasculares e sua manutenção através de angiografia e angioplastia. Além da autonomia na realização de biópsias renais, desde 2024, a equipa realiza também consultas domiciliárias, em particular no âmbito do programa de DP. “O nosso crescimento tem sido orgânico – quando existe uma necessidade, criamos uma resposta”, garante o responsável.

desde esse ano, contribuindo para o crescimento do Serviço em termos de oferta assistencial e diferenciação. Dois marcos importantes são a abertura da unidade de hemodiálise para doentes crónicos em ambulatório, em 2018, e a obtenção de idoneidade formativa pela Ordem dos Médicos, em 2024.

Este Serviço de Nefrologia tem um caminho “sólido e de consolidação”. “Existindo vontade de fazer acontecer, os recursos aparecem”, assegura Henrique Silva Sousa, sublinhando as especificidades de um hospital militar: “A hierarquia é vertical, temos uma chefia militar e, ao contrário dos hospitais do SNS, estamos inseridos no Ministério da Defesa.”

CULTURA MILITAR

Major do Exército e nefrologista no HFAR/PL desde janeiro de 2025, o Dr. Teófilo Yan enaltece os “valores de camaradagem que fazem parte da instituição”. “O nosso foco é a segurança e a qualidade dos serviços prestados aos doentes. Se conseguirmos respostas e decisões mais rápidas, coordenadas e articuladas, cumpriremos melhor esse objetivo”, reitera o especialista, que se dedica particularmente à área da diálise.

Apesar de não ter formação militar, em 2018, o Dr. Pedro Cruz aceitou, “com elevada motivação”, o desafio de trabalhar no HFAR/PL, destacando “a grande acessibilidade”. “Conseguimos marcar consultas no próprio dia e dar uma boa resposta às necessidades. As outras especialidades reconhecem-nos como um modelo dentro do hospital”, afiança. Com particular dedicação ao internamento, o nefrologista garante que “existe sempre a possibilidade de internar os doentes nefrológicos numa enfermaria partilhada com outras especialidades”.

Em termos de características distintivas, Alberto Santos, enfermeiro-chefe do Serviço de Nefrologia e capitão no Exército, acrescenta a “excelente articulação entre médicos e enfermeiros”. “Existe uma relação muito boa e as decisões são sempre partilhadas e discutidas”, afirma o enfermeiro, que transitou do antigo Hospital Militar Principal para o HFAR/PL em 2013, na altura para a Unidade de Cuidados Intensivos. Cinco anos depois, assumiu a chefia da enfermagem nefrológica, que conta com “uma equipa muito experiente nesta especialidade, colaborando em todas as intervenções da diálise”. “O nosso ponto forte reside nos recursos humanos, não só pela experiência em técnicas de diálise, mas também pela componente humana”, frisa Alberto Santos. Igualmente importante é a relação próxima com os doentes, que se traduz em “ganhos evidentes em saúde, desde a adesão terapêutica à capacitação do doente na gestão da sua doença, com impacto positivo na qualidade de vida”.

NÚMEROS

1399 consultas externas de Nefrologia, das quais **193** primeiras consultas*

14 consultas de esclarecimento de terapêuticas substitutivas da função renal**

1515 sessões de hemodiálise, das quais **1391** em ambulatório e **124** em doentes internados*

4 sessões de hemodiálise não programadas em doentes urgentes**

12 induções dialíticas*

65 internamentos**

4 biópsias renais realizadas*

22 cateteres colocados, dos quais **10** não tunelizados e **12** tunelizados*

12 avaliações de disfunção do acesso vascular*

11 mapeamentos vasculares*

4 angioplastias de acesso vascular*

*Números de 2025

**Números de 2024

ESPECIFICIDADES DOS DOENTES

Também existem algumas particularidades quanto aos doentes que são recebidos e seguidos no HFAR/PL. “Avaliamos os jovens candidatos a militares, o que não é comum nos hospitais do SNS. Por outro lado, há doenças e alterações que podem resultar da atividade militar, nomeadamente a rabdomiólise ou aspetos ligados a síndromes de agressão térmica, que são mais frequentes nos militares”, explica Pedro Cruz.

“Além de termos, tal como no SNS, doentes renais com hipertensão arterial, diabetes e doença vascular, existe uma *pool* de doentes militares, jovens e no ativo, aos quais temos de dar resposta de acordo com as necessidades da componente operacional”, acrescenta Teófilo Yan. Essa resposta “tem de ser dada em tempo útil”, até porque “a componente operacional é muito rígida e exigente em termos físicos”.

Acresce que existe “um conjunto de doentes, entre os 50 e os 60 anos, com disfunção renal sem causa óbvia”. “Pensamos que tal possa estar relacionado com o envolvimento em atividades operacionais expostas a muito calor, a desidratação e a surtos subclínicos de lesão aguda”, comenta Henrique Silva Sousa.

MOBILIZAÇÃO E CONTINUIDADE

Apesar de a assistência aos militares e à família militar constituir o eixo central da atividade do HFAR/PL, há situações em que a atuação é mais global. A pandemia de Covid-19 foi disso exemplo. “Recebemos centenas de doentes com todos os níveis de gravidade, desde casos com necessidade de suporte de órgão até casos a cumprir tempo de isolamento. Este protocolo com o Serviço Nacional de Saúde permitiu libertar vagas nos hospitais civis, mostrando como a integração de cuidados é possível”, comenta Henrique Silva Sousa.

Quanto ao futuro, a equipa anseia o crescimento, sobretudo das infraestruturas, perspetivando-se a mudança para um espaço remodelado e de maior dimensão, que permita centralizar os cuidados e aumentar a atividade, em particular da sala de hemodiálise. Trata-se de “um plano intermédio”, até porque está prevista a construção de um novo edifício, onde ficará também o Serviço de Nefrologia.

Por outro lado, com a conquista de idoneidade formativa em 2024, perspetiva-se a renovação e o crescimento da equipa a longo prazo. “É importante cativar e manter recursos humanos. Nesse âmbito, estamos consistentes, pois temos internos de Nefrologia militares em formação, que darão continuidade ao Serviço”, conclui Henrique Silva Sousa. ■

FORMAÇÃO E ATUALIZAÇÃO COMO PRIORIDADES

A formação tem assumido um papel muito importante no Serviço de Nefrologia do HFAR/PL, sobretudo em duas áreas emergentes: a medicina desportiva, nomeadamente relacionada com as atividades militares, e a intervenção em situações de catástrofe. “O exercício físico é fundamental, mas geralmente descuidado, inclusive na Nefrologia. Por isso, decidimos organizar reuniões científicas de atualização centradas no rim do desportista”, contextualiza o Dr. Pedro Cruz, referindo-se às três reuniões organizadas em 2019, 2021 e 2023.

Já em 2025, a aposta recai na reunião “Rim na Catástrofe”, que abordou o papel da Nefrologia em situações de emergência ou desastres naturais. Atualmente, o Serviço de Nefrologia do HFAR/PL está em conversações com o Hospital de Defesa de Madrid para realizar uma reunião ibérica de nefrologia militar. O Dr. Henrique Silva Sousa justifica esta escolha com as alterações em curso, nomeadamente desde a invasão da Ucrânia pela Rússia. “Neste momento, faz-se diálise na linha da frente da guerra. Há muita capacidade que tem de ser instalada no terreno, em zonas de pouca segurança”, realça. Portanto, a breve prazo, a equipa de Nefrologia do HFAR/PL também gostaria de ajudar a implementar uma força-tarefa para a catástrofe e um núcleo de nefrologia do desporto e da catástrofe na Sociedade Portuguesa de Nefrologia.



Quando os repórteres da SPN News chegaram ao Polo de Lisboa do Hospital das Forças Armadas, o Dr. Henrique Silva Sousa e o Dr. Pedro Cruz estavam a dar formação num curso de urgência para os médicos internos de várias especialidades do hospital.

No gabinete 714, no piso 2, realizam-se as consultas externas de Nefrologia. É também neste local que se fazem os testes de permeabilidade peritoneal e os ensinos aos doentes, com recurso a materiais didáticos.



A atividade do internamento decorre no departamento médico, no piso 1, que é comum a todas as especialidades do hospital.



A unidade de hemodiálise funciona de segunda-feira a sábado e tem quatro postos de diálise. À data da reportagem, no passado mês de janeiro, o Serviço de Nefrologia do HFAR/PL tinha dez doentes em programa crónico de hemodiálise, divididos por três turnos.



O Dr. Henrique Silva Sousa e o Dr. Pedro Cruz colocam um cateter tunelizado com recurso a fluoroscopia.



O Dr. Teófilo Yan e o Dr. Pedro Cruz realizam uma angioplastia de uma fistula arteriovenosa.



Mais fotografias da reportagem e vídeos das entrevistas com membros do Serviço de Nefrologia do HFAR/PL

RASTREIO NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA E CELEBRAÇÃO EM COIMBRA



A Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN) volta a associar-se às celebrações do Dia Mundial do Rim, efeméride que tem por objetivo sensibilizar a população para a importância da saúde renal. Este ano, estão previstos dois eventos *major*: um rastreio da doença renal na Assembleia da República, nos dias 10 e 11 de março, e uma sessão científica a coincidir com a comemoração dos 50 anos de Serviço de Nefrologia da Unidade Local de Saúde (ULS) de Coimbra, a 12 de março.

Pedro Bastos Reis Rui Santos Jorge

Chamar a atenção da comunicação social e dos decisores políticos para a saúde renal tem sido uma das principais pretensões da SPN com as iniciativas organizadas no âmbito do Dia Mundial do Rim, que se assinala anualmente, na segunda quinta-feira de março. Este ano, a SPN decidiu levar a sensibilização para o epicentro da tomada de decisões políticas, através de uma ação de rastreio na Assembleia da República (AR), nos dias 11 e 12 de março.

“O presidente [José Pedro Aguiar-Branco] aceitou a nossa proposta de realização de rastreios da doença renal aos deputados e funcionários da AR. Especialistas e internos de Nefrologia vão recolher amostras de sangue e urina, assim como avaliar a pressão arterial e a massa corporal”, revela o **Prof. Edgar Almeida**. “Noutros anos, fizemos algumas ações que ficaram um pouco aquém das expectativas. Por isso, em 2026, decidimos ir ‘ao coração’ da democracia”, justifica o presidente da SPN.



Os funcionários e deputados da AR devem inscrever-se previamente para participar no rastreio, que deverá contar com a presença de “três a quatro nefrologistas e internos por dia”, bem como enfermeiros destacados pela Associação Portuguesa de Enfermeiros de Diálise e Transplantação. “Os diretores dos Serviços de Nefrologia demonstram disponibilidade para esta iniciativa, inclusive para dar seguimento aos casos que venham a ser identificados no rastreio”, salienta Edgar Almeida, referindo que a avaliação das amostras será realizada por uma entidade externa. De realçar ainda que a SPN está a avaliar a possibilidade de, no âmbito desta ida à AR, promover uma sessão de esclarecimento junto dos deputados, embora ainda sem confirmação.

De realçar ainda que a SPN está a avaliar a possibilidade de, no âmbito desta ida à AR, promover uma sessão de esclarecimento junto dos deputados, embora ainda sem confirmação.

CINCO DÉCADAS DE NEFROLOGIA EM COIMBRA

Coincidindo com o Dia Mundial do Rim, 12 de março, realizar-se-á uma sessão científica comemorativa dos 50 anos do Serviço de Nefrologia da ULS de Coimbra. Sob o mote “50 anos a ‘filtrar’ vidas”, serão recordados alguns dos momentos mais marcantes da evolução da Nefrologia portuguesa ao longo dos anos. “Será uma oportunidade para celebrar a evolução de uma especialidade relativamente recente, que teve uma evolução fantástica nas últimas décadas. A ideia teve uma excelente receção por parte do Prof. Edgar Almeida, que desde o início se associou a esta celebração”, sublinha a Prof.^a Helena Sá, diretora do Serviço de Nefrologia da ULS de Coimbra.

Na abertura da cerimónia, que decorrerá no auditório da ULS de Coimbra, além do presidente da SPN, estarão presentes o presidente do Conselho de Administração da ULS de Coimbra, o diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, o presidente da Secção Centro da Ordem dos Médicos, o presidente do Colégio da Especialidade de Nefrologia da Ordem dos Médicos e o diretor do Serviço de Urologia e Transplantação Renal da ULS de Coimbra.

Seguir-se-á a apresentação dos dados de 2025 do Gabinete de Registo da Doença Renal Crónica da SPN, pela sua coordenadora, a Dr.^a Ana Galvão, nefrologista na ULS de Coimbra. Depois, em conferência, o Prof. Rui Alves abordará os desafios atuais e futuros da doença renal crónica, seguindo-se uma homenagem aos ex-diretores do Serviço de Nefrologia da atual ULS de Coimbra.



Depois, no *hall* principal, será inaugurada a exposição “50 anos do Serviço de Nefrologia da ULS de Coimbra – Cinco décadas de evolução da especialidade”. “Estarão expostos objetos, fotografias e textos sobre vários marcos destes 50 anos, como a fusão pioneira dos serviços dos Hospitais da Universidade de Coimbra e do Hospital Geral dos Covões, assim como a articulação com os centros de diálise, com ênfase nas modalidades substitutivas da função renal”, antecipa a **Prof.^a Helena Sá**. A exposição ficará patente até 16 de maio.

A cerimónia terminará no Serviço de Nefrologia, com o descerramento da placa evocativa da direção do Prof. Rui Alves, entre 2016 e 2025, que será um dos homenageados desta celebração. “Todos os sócios da SPN estão convidados a marcar presença em Coimbra, no Dia Mundial do Rim, ou a visitarem a exposição posteriormente”, remata Helena Sá. ■

PROGRAMA DA CERIMÓNIA COMEMORATIVA EM COIMBRA

10h30 – apresentação dos dados de 2025 do Gabinete de Registo da Doença Renal Crónica da SPN;

11h00 – conferência “Doença renal crónica – desafios do presente e do futuro”, do Prof. Rui Alves;

11h20 – sessão de homenagem aos ex-diretores do Serviço de Nefrologia da atual ULS de Coimbra;

11h45 – inauguração da exposição “50 anos do Serviço de Nefrologia da ULS de Coimbra – Cinco décadas de evolução da especialidade”;

12h15 – descerramento de placa evocativa da direção 2016-2025 do Serviço de Nefrologia da ULS de Coimbra.



SPN MANTÉM APOSTA NO CURSO DE SEDIMENTO URINÁRIO



PARTICIPANTES NA 3.ª EDIÇÃO DO CURSO DE SEDIMENTO URINÁRIO: Dr.ª Ana Isabel Coelho, Dr.ª Joana Costa, Dr.ª Cláudia Coelho, Dr. Eduardo Cruz, Dr. Fábio Henriques, Dr.ª Mafalda Filipe, Dr.ª Catarina Filipe, Dr.ª Catarina Silva, Dr. Bernardo Baptista, Dr.ª Catarina Mateus (formadora), Dr.ª Ana Rita Almeida (formadora), Dr. Luís Falcão (formador), Dr. Rui Duarte (formador), Dr. David Navarro (formador), Dr. Nuno Moreira Fonseca (formador), Dr.ª Inês Lopes, Dr.ª Vanessa da Silva, Dr.ª Diana Santos e Dr. Tiago Resende.

Pela terceira vez, o Hospital Beatriz Ângelo, da Unidade Local de Saúde de Loures-Odivelas, acolheu o Curso de Sedimento Urinário, iniciativa da Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN), que se realizou nos dias 6 e 7 de fevereiro. A organização manteve a aposta num formato com sucesso comprovado, destacando-se a componente prática do segundo dia. Os 12 formandos receberam ainda bases teóricas essenciais para uma melhor compreensão e uso desta avaliação central na prática clínica da Nefrologia.

Pedro Bastos Reis e Raquel Oliveira Rui Santos Jorge

O Dr. David Navarro, o Dr. Luís Falcão e o Dr. Nuno Moreira Fonseca voltaram a abraçar o desafio de organizar o Curso de Sedimento Urinário, que “tem sido um sucesso, existindo sempre procura por novas edições”, justifica David Navarro, nefrologista na ULS de São José/Hospital Curry Cabral (ULSSJ/HCC), em Lisboa. A aposta num número restrito de participantes é essencial para o bom funcionamento da formação, até porque uma prioridade da organização é garantir que os formandos tenham o tempo e o espaço necessários para praticar em laboratório. “Esta formação só faz sentido se tiver a componente prática”, realça Nuno Moreira Fonseca, nefrologista na ULSSJ/HCC.

INTERVENIENTES NA SESSÃO DE ABERTURA: Prof. Edgar Almeida (presidente da SPN), Dr.ª Sónia Silva (diretora do Serviço de Nefrologia da ULSLO), Dr.ª Ana Miranda (diretora clínica para a área hospitalar da ULSLO) e Dr.ª Vitória Matos (responsável de Imunologia e Serologia na ULSSJ).



Assim, foram abertas apenas 12 vagas, que esgotaram em menos de duas horas, sendo preenchidas por internos de Nefrologia e de Patologia Clínica. Após a sessão de abertura, foi apresentada uma resenha histórica da avaliação do sedimento urinário, pela Dr.ª Catarina Mateus, nefrologista na ULS de Lisboa Ocidental/Hospital de Santa Cruz. A seguir, a Dr.ª Ana Rita Almeida falou sobre as possíveis células presentes na urina. “Devemos valorizar todos os elementos da amostra, considerando o seu conjunto e o contexto clínico do doente”, afirma a interna do 5.º ano de Nefrologia na ULS de Loures-Odivelas/Hospital Beatriz Ângelo (ULSLO/HBA). Nos casos de hematuria, “é importante distinguir os eritrócitos dismórficos dos isomórficos e valorizá-los clinicamente, sobretudo em contexto de patologia glomerular”.

De seguida, Luís Falcão abordou os cilindros urinários, enfatizando que “o tipo e a forma como surgem fornecem informação muito rica sobre o que aconteceu, a dado momento, no nefrónio, quase como se fosse uma fotografia”. O nefrologista na ULS de Braga ressalva que, “apesar de extremamente específicos, os cilindros são muito difíceis de identificar, sendo necessário bastante treino para distingui-los de outras partículas confundidoras, como pseudocilindros e eritrócitos sobrepostos”. Em paralelo, “é importante garantir que a colheita e a preparação adequadas da amostra, utilizando técnicas laboratoriais apropriadas, como o contraste de fase e, quando necessário, colorações específicas”. Se corretamente identificados, estes elementos podem ajudar a confirmar ou a excluir determinados cenários. “A presença de cilindros eritrocitários é muito sugestiva de hematuria glomerular ou de inflamação ao nível do glomérulo”, exemplifica Luís Falcão.

Já na parte da tarde, Nuno Moreira Fonseca discorreu sobre cristais, microrganismos e contaminantes, evidenciando como “o tipo de cristal encontrado pode fornecer informação sobre o estilo de vida, a dieta, a toma de fármacos nefrotóxicos ou a presença de determinadas patologias”. “É a partir da conjugação do pH, da morfologia e do comportamento à luz polarizada que se determina a natureza do cristal”, explica. Segundo o nefrologista, a avaliação da cristalúria assume particular relevância nos doentes com nefrolitíase, pois “permite identificar o tipo de litíase, monitorizar a eficácia das medidas preventivas e ajustar a conduta clínica”.

O curso prosseguiu com a apresentação de David Navarro sobre a integração dos achados laboratoriais com a história clínica. “Partimos de vinhetas clínicas, com enfoque na lesão renal aguda, para distinguir as várias etiologias e respetivos perfis de partículas, fazendo a correlação entre a clínica e o laboratório”, descreve o nefrologista. Assim, o sedimento urinário “é uma ferramenta auxiliar não só no diagnóstico, mas também na decisão terapêutica e na avaliação prognóstica”.

O primeiro dia terminou com um momento de quiz e a discussão de casos clínicos. “Em edições anteriores, esta foi uma das partes que os formandos consideraram mais importantes, pelo que, este ano, decidimos dar-lhe mais ênfase”, justifica David Navarro. A componente prática ocupou a manhã do segundo dia. Divididos em quatro grupos, por dois turnos, os formandos puderam preparar lâminas de urina e treinar a avaliação do sedimento urinário ao microscópio, com amostras reais. ■



Na vertente *hands-on*, os formandos avaliaram ao microscópio o sedimento urinário de doentes com diversas patologias.



Mais instantes do curso e highlights das entrevistas realizadas

EXAME “SIMPLES, BARATO E MUITO INFORMATIVO”

“Este curso mostra como um exame tão simples e barato pode dar tanta informação e, quando integrado com a clínica, ajudar a levantar suspeitas diagnósticas”, afirma a Dr.ª Mafalda Filipe, uma das formandas. A frequentar o 4.º ano do internato de Nefrologia na ULSLO/HBA, esta foi a primeira vez em que participou neste curso, que considera “uma oportunidade para aprofundar um tema tão importante e pouco explorado durante o internato”.

CURSO INOVADOR DE NEFROLOGIA DE DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO



Identificando uma lacuna formativa em Portugal, o Grupo de Trabalho de Nefrologia de Intervenção (gtNI) da Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN) decidiu organizar um curso ambicioso, com sete módulos teóricos *online*, entre outubro de 2025 e abril de 2026, e seis módulos práticos presenciais, que se realizam em vários centros por todo o país, entre janeiro e junho deste ano. Com formadores de referência e o apoio científico da European Renal Association, da Vascular Access Society, da Sociedad Española de Nefrología, do Grupo Español Multidisciplinar del Acceso Vascular e da Sociedade Portuguesa de Radiologia, o curso destaca-se ainda pela multidisciplinaridade, contribuindo para uma formação rigorosa em nefrologia de diagnóstico e intervenção.

Pedro Bastos Reis



componente de atualização de conhecimentos”, explica a nefrologista na Unidade Local de Saúde (ULS) de Coimbra.

Devido à aposta “numa componente prática muito forte” nos centros que aderiram à iniciativa (ver caixa), com foco na aprendizagem individualizada de cada formando, o gtNI só abriu 12 inscrições, que “esgotaram em apenas duas horas e meia”.

“Inclusive, vários colegas espanhóis queriam inscrever-se. A afluência foi tão grande que decidimos aceitar mais 30 inscrições, mas apenas para os módulos teóricos *online*”, descreve Maria Guedes Marques.



O primeiro módulo teórico realizou-se a 6 de outubro e centrou-se nos conceitos gerais da nefrologia de intervenção. “Abordámos os acessos vasculares e o melhor *timing* para a referência e construção do acesso, bem como a fisiologia da maturação e as técnicas de canulação”, destaca o Dr. Nuno Guimarães Rosa, nefrologista no Serviço de Saúde da Região Autónoma da Madeira (SESARAM)/Hospital Dr. Nélio Mendonça, no Funchal.

A construção do acesso arteriovenoso, a avaliação pré-cirúrgica, a cirurgia e os cuidados pós-construção foram os temas analisados no segundo módulo, a 3 de novembro, no qual Maria Guedes Marques discorreu acerca do mapeamento ecográfico e angiográfico pré-cirúrgico. “É um *standard* obrigatório da boa prática clínica no planeamento da construção de um acesso vascular”, resume a nefrologista.



HIPERDÉBITO E INFEÇÕES

O terceiro módulo teórico, realizado a 24 de novembro, incidiu sobre o acesso normofuncionante e patológico. A Dr.ª Célia Gil abordou o hiperdébito, “um problema que não está completamente caracterizado” e que levanta muitas preocupações. “Faltam recomendações internacionais mais claras para que os nefrologistas se sintam confortáveis em propor intervenções preventivas aos doentes, sem prejudicar o acesso vascular”, contextualiza a nefrologista na ULS de Lisboa

Occidental/Hospital de Santa Cruz, alertando que “os eventos cardiovasculares estão no topo das causas de mortalidade nos doentes nefrológicos, pelo que a precocidade da intervenção é muito importante”.

No mesmo módulo, o Dr. Nuno Guimarães Rosa falou sobre “uma das complicações mais relevantes nos acessos vasculares”. “Embora sejam menos frequentes do que as infeções dos cateteres, as infeções das fístulas e próteses para hemodiálise estão associadas a um aumento da morbilidade, da taxa de hospitalização e da mortalidade nos doentes em diálise”, alerta o nefrologista. E acrescenta: “É fundamental garantir o estudo microbiológico deste tipo de infeções, que deverá preceder o tratamento com antibioterapia empírica de largo espectro, o controlo de foco e as futuras opções de acesso vascular, de acordo com o plano individual de vida para a DRC terminal”.

CENTROS ONDE DECORREM OS MÓDULOS PRÁTICOS

ULS de Santa Maria, em Lisboa

Diretor: Prof. José António Lopes (Nefrologia)

Formadores: Dr.ª Alice Fortes, Dr. Tiago Amaral, Dr. Hugo Silva, Prof.ª Joana Gameiro e Dr. João Oliveira

ULS de São José, em Lisboa

Diretora: Dr.ª Cristina Jorge (Nefrologia)

Formadores: Dr. Tiago Pereira, Dr. Fernando Caeiro, Dr.ª Patrícia Alves, Dr. Vasco Fernandes, Dr. Diogo Francisco, Dr. Marco Mendes e Dr. João Martins

ULS de Almada-Seixal

Diretora: Dr.ª Cristina Santos (Nefrologia)

Formadores: Dr. Pedro Bravo, Dr. Carlos Oliveira, Dr.ª Rita Gouveia, Dr. Fernando Pereira, Dr.ª Sara Barreto e Dr. Gonçalo Cruz

ULS de Coimbra

Diretora: Prof.ª Helena Sá (Nefrologia)

Formadores: Dr. Luís Freitas, Dr. Nuno Afonso Oliveira, Dr. Luís Escada, Dr. Luís Rodrigues, Dr.ª Maria Guedes Marques e Dr. Emanuel Ferreira

ULS de São João, no Porto

Diretores: Prof. João Frazão (Nefrologia) e Prof. Armando Mansilha (Cirurgia Vascular)

Formadores: Dr. Hugo Diniz, Prof. Luís Coentrão, Dr. Miguel Relvas, Dr.ª Núria Paulo, Dr. Jorge Costa Lima e Dr.ª Joana Ferreira

ULS do Tâmega e Sousa, em Penafiel

Diretores: Dr. Carlos Botelho (Nefrologia) e Dr.ª Gabriela Teixeira (Cirurgia Vascular)

Formadores: Dr. Rui Abreu, Dr.ª Carolina Figueiredo e Dr.ª Ana Luísa Correia

SESARAM/Hospital Dr. Nélio Mendonça, no Funchal

Diretor: Dr. Gil Silva (Nefrologia)

Formadores: Dr. Nuno Guimarães Rosa, Dr. Luís Resende, Dr.ª Francisca Silva, Dr. Pedro Vieira, Dr.ª Ana Vida, Dr. José Durães, Dr. João Carvão e Dr. Miguel Gonçalves

NephroCare Lumiar

Diretores: Dr. Pedro Ponce (Nefrologia) e Dr. José Aragão de Moraes (Cirurgia Vascular)

Formadores: Dr. Célia Gil, Dr. Pedro Bravo, Dr. Ricardo Macau, Dr. Ivo Laranjinha, Dr. Carlos Oliveira e Dr. Carlos Barreto

Hospital CUF Tejo

Coordenadora: Dr.ª Alice Fortes (Nefrologia)

Diretor: Dr. José Aragão de Moraes (Cirurgia Vascular)

Formadores: Prof.ª Joana Gameiro e Dr. Ricardo Macau

Grupo de Estudos Vasculares

Diretor: Dr. Norton de Matos (Cirurgia Vascular)

Formadores: Dr. Luís Loureiro, Dr. Paulo Almeida, Dr. Duarte Rego, Dr.ª Gabriela Teixeira e Dr. Sérgio Teixeira

No dia 12 de janeiro, decorreu o quarto módulo *online*, que analisou os cateteres venosos centrais e a diálise peritoneal. “Todos os nefrologistas devem dominar a técnica de colocação do cateter venoso central, um pilar nos acessos vasculares”, comenta Célia Gil, moderadora da sessão. De realçar que os cateteres tunelizados, cuja utilização está em crescimento, “são o único acesso que alguns doentes terão durante a permanência em hemodiálise”. Quanto aos cateteres para diálise peritoneal, a nefrologista sublinha as mais-valias da técnica de Seldinger apoiada por ecografia e fluoroscopia, nomeadamente a diminuição de complicações e a comodidade para o doente.



BIÓPSIAS RENAI

O quinto módulo teórico, realizado a 2 de fevereiro, deu enfoque às biópsias renais. De acordo com o **Dr. Fernando Caeiro**, um dos moderadores, “pretendeu-se discutir diferentes aspetos da técnica, desde o diâmetro da agulha até como abordar o rim, tendo como objetivo reduzir a taxa de complicações”. Neste âmbito, o nefrologista na ULS de São José/Hospital de Curry Cabral, em Lisboa, realça a reavaliação das contraindicações para realização de biópsia renal.

“Ainda há bastante rigidez quanto aos critérios de segurança, o que faz com que muitos doentes não realizem a biópsia na altura adequada. Em alguns casos, podemos ser um pouco mais arrojadados, nomeadamente na realização de biópsias com valores de hemoglobina mais baixos”, concretiza Fernando Caeiro. Por outro lado, “antes, a antiagregação era considerada uma contraindicação absoluta, mas, atualmente, há bastante segurança em realizar biópsia renal em doentes meditados com ácido acetilsalicílico”.

Relativamente às complicações, Fernando Caeiro considera que “a mais temida é a hemorragia de maior débito”, pelo que “a vigilância clínica e o bom planeamento são fundamentais”. “Nos doentes com maior risco hemorrágico, a biópsia transjugular pode ser uma boa opção, no entanto, temos de avaliar os prós e os contras”, defende.

PRÓXIMOS MÓDULOS

Até ao final do curso, decorrerão mais dois módulos teóricos *online*, ambos dedicados ao POCUS. A 2 de março, os formandos contactarão com os princípios básicos, nomeadamente com as ecografias renovesicais, pulmonares e da veia jugular e com a ecocardiografia focada. A 6 de abril, numa vertente mais avançada, serão abordados o ecocardiograma hemodinâmico, o protocolo VExUS (*venous excess ultrasound grading system*) e o ecodoppler em rim nativo e enxerto renal focado.

MOMENTOS DA FORMAÇÃO PRÁTICA



Prof.ª Joana Gameiro (em pé) com formandos no módulo realizado no Serviço de Nefrologia da ULS de Santa Maria, a 28 de janeiro.



Dr. Emanuel Ferreira a acompanhar uma das formandas no módulo que decorreu no Serviço de Nefrologia da ULS de Coimbra, a 26 de janeiro.



Dr. Nuno Afonso Oliveira (à dta.) ajuda um dos formandos na realização de uma biópsia renal no módulo decorrido a 26 de janeiro, em Coimbra.



Dr.ª Gabriela Teixeira e Dr. Rui Abreu com um dos formandos no módulo realizado a 16 de janeiro, no Serviço de Nefrologia da ULS do Tâmega e Sousa, em Penafiel.



Dr.ª Célia Gil (à dta.) e Dr. Ivo Laranjinha (à esq.) com um formando, no módulo que a NephroCare Lumiar acolheu a 5 de fevereiro.

Fotografias: DR

Já a componente prática, iniciada em janeiro, prolongar-se-á até junho. Divididos em grupos de dois ou até individualmente, os 12 formandos passam por vários centros do país. O módulo prático de cada mês decorre em diferentes centros e é dedicado a um tema: ecografia do acesso vascular em janeiro; intervenção endovascular em fevereiro; cirurgia do acesso em março; cateteres venosos centrais em abril; biópsias renais em maio; e POCUS em junho. Nas idas aos vários centros, os formandos poderão ainda contactar com outros procedimentos que estejam a ser realizados nesse dia. ■

DOIS TESTEMUNHOS



“Quero felicitar a Sociedade Portuguesa de Nefrologia e o seu Grupo de Trabalho de Nefrologia de Intervenção por este curso muito bem organizado, com um programa de excelência num domínio essencial da prática nefrológica. Com um modelo híbrido, a organização deu muita importância à componente prática, selecionando alguns centros que têm um movimento assistencial significativo na área. Para o Serviço de Nefrologia da ULS de Coimbra foi uma honra poder colaborar. Ao visitarem-nos, os formandos podem assistir e colaborar nos procedimentos que estejam a decorrer. Esperamos que colham muitos ensinamentos práticos, que lhes sejam úteis no futuro. Agradeço a colaboração pronta e eficiente dos especialistas do nosso Serviço envolvidos nesta formação.”

Prof.ª Helena Sá, diretora do Serviço de Nefrologia da ULS de Coimbra

“Assim que soube deste curso, inscrevi-me de imediato, porque pretendo melhorar a minha formação em nefrologia de intervenção, particularmente na componente prática de avaliação e intervenção em acessos vasculares. O curso tem módulos muito completos e é uma grande vantagem os formadores disponibilizarem-nos os materiais e procurarem que, mesmo na parte teórica, haja uma vertente interativa e de partilha de experiências entre centros. Nos módulos práticos, temos oportunidade de aplicar o que aprendemos previamente nas formações teóricas, tirar dúvidas e conhecer o funcionamento das unidades. É uma mais-valia estarmos divididos em pequenos grupos, com um acompanhamento individualizado, o que torna a rotação muito proveitosa.”

Dr.ª Ana Rita Almeida, interna do 5.º ano de Nefrologia na ULS de Loures-Odivelas



PUB.

**EXTENDING LIVES >>>
EXPANDING POSSIBILITIES***

*PROLONGAR VIDAS >>>
EXPANDIR POSSIBILIDADES

Vantive
Vantive.com

Vantive, Unipessoal Lda. | Quinta da Fonte / Edifício D. Pedro I (Q56) | Rua dos Malhões / 2770-071 Paço d'Arcos | NIF 517685485

PT-00-250003 March/2025

ALTERAÇÕES METABÓLICAS NA DRC AVANÇADA



Na primeira apresentação do simpósio, a Dr.ª Ana Cortesão Costa falou sobre a acidose metabólica e as dietas vegetarianas.

Este é o título do simpósio realizado no passado dia 31 de janeiro, em Lisboa, com organização da Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN) e apoio da Fresenius Kabi. Com cerca de 90 participantes, o evento destacou-se pela abordagem multidisciplinar, reunindo nefrologistas e nutricionistas para enfatizar a importância da nutrição adequada nos doentes com doença renal crónica (DRC), que se caracteriza por baixo teor proteico e suplementação com cetanoálogos em casos selecionados. Assim, o simpósio incluiu também um *showcooking*, no qual foram partilhadas receitas adequadas para os doentes renais.

Pedro Bastos Reis Rui Santos Jorge

A nutrição é um tema cada vez mais importante na abordagem dos doentes com DRC, daí a necessidade de organizar este simpósio. “O nosso objetivo, enquanto nefrologistas, é conseguir que os doentes passem o máximo de tempo possível sem diálise. Uma intervenção nutricional precoce e adequada pode poupar semanas, meses ou até anos de técnica dialítica”, contextualiza a Dr.ª Ana Cortesão Costa, tesoureira da SPN e organizadora desta reunião.

Na primeira preleção, a também nefrologista na Unidade Local de Saúde (ULS) de Loures-Odivelas/Hospital Beatriz Ângelo abordou a acidose metabólica e as dietas vegetarianas, apresentando estratégias para “mitigar os efeitos nocivos da alimentação no organismo, nomeadamente ao nível renal”. “É muito importante incentivarmos a dieta mediterrânica em detrimento da dieta ocidental”, defende.

De seguida, a Dr.ª Beatriz Donato discorreu acerca do aporte de fósforo, cálcio e potássio. “As alterações metabólicas no doente renal crónico surgem, sobretudo, em estádios mais avançados da doença. No entanto, devemos intervir precocemente, para prevenir complicações, garantindo a adesão ao tratamento”, realça a nefrologista na ULS de Loures-Odivelas/Hospital Beatriz Ângelo. Nesse sentido, importa “apostar numa dieta saudável, equilibrada e individualizada, para evitar a progressão da DRC e diminuir o risco cardiovascular”.



PALESTRANTES DO SIMPÓSIO: Prof. André Weigert, Dr.ª Ana Cortesão Costa, Prof.ª Isabel Fonseca, Dr.ª Ana Rita Martins e Dr.ª Beatriz Donato.

SUPLEMENTAÇÃO COM CETANOÁLOGOS

O simpósio prosseguiu com a intervenção da Prof.ª Isabel Fonseca sobre o papel da restrição proteica e dos cetanoálogos na DRC. “A mudança dos hábitos alimentares é um processo exigente, que requer envolvimento e apoio consistente da família”, salientou a nutricionista na ULS de Santo António, no Porto.

A suplementação com cetanoálogos apresenta desafios, porque “acresce mais comprimidos aos

muitos que os doentes já tomam diariamente e, na maioria das vezes, os doentes deixam de consumir proteínas de origem animal”. Ainda assim, como realça Isabel Fonseca, “trata-se de uma estratégia com benefícios relevantes, sobretudo no atraso da progressão da DRC e na preservação da massa muscular, podendo mesmo evitar o início de diálise, um motivo determinante para promover a adesão”.

Veja mais instantes do simpósio e do *showcooking*, bem como excertos das entrevistas em vídeo com os formadores



A seguir, a Dr.ª Ana Rita Martins e o Prof. André Weigert, nefrologistas na ULS de Lisboa Ocidental/Hospital de Santa Cruz, apresentaram casos clínicos. Esteve em evidência o “uso de cetanoálogos para permitir que doentes em diálise peritoneal ambulatorial contínua façam pausas sem necessidade de hemodiálise e em situações de atraso do início da terapêutica substitutiva da função renal, com benefício quer de qualidade de vida quer económico”, resume o nefrologista.

A sessão contou com o testemunho de uma doente que não chegou a entrar em diálise, avançando para transplante renal preemptivo. “Tal só foi possível graças a uma restrição proteica muito rígida e suplementada com cetanoálogos. A doente chegou ao transplante com uma função renal muito baixa, mas com bons níveis nutricionais e de albumina”, descreve André Weigert. ■

SHOWCOOKING DE RECEITAS COM BAIXO TEOR PROTEICO



A parte da tarde foi dedicada a um *showcooking* conduzido pela chef Ana Sanchez, um momento lúdico-formativo que juntou não só formadores e formandos, como também alguns doentes e cuidadores. Foram partilhadas dicas para a confeção de receitas com baixo teor proteico, que são adequadas para os doentes com DRC (mas não só). “Pode ser muito simples ter uma alimentação com algumas restrições e, ao mesmo

tempo, passar ótimos momentos em família, com comida muito saborosa”, assegura a ex-concorrente do MasterChef Portugal, programa da RTP em que participou em 2023, conquistando o 2.º lugar.

Dando primazia às especiarias, Ana Sanchez ensinou várias receitas simples de confeccionar. Como prato principal, escolheu os *wraps de legumes grelhados com creme de caju e especiarias*, bem como *empadas de legumes e feijão manteiga*. Em termos de sobremesas, foram partilhadas as receitas de bolo de chocolate sem ovos, gelado de ananás caramelizado e bolo de abóbora com petitas de chocolate. Para o pequeno-almoço, a chef sugeriu panquecas com farinha de milho.



FUTURO DA NEFROLOGIA EM ANÁLISE

O XXV Simpósio de Atualização em Nefrologia, organizado pelo Serviço de Nefrologia da Unidade Local de Saúde (ULS) de Lisboa Ocidental/Hospital de Santa Cruz, realiza-se a 6 e 7 de março, no Lagoas Park Hotel, em Oeiras. Como adianta o **Dr. Artur Mendes**, presidente da comissão organizadora, o programa científico terá uma manhã dedicada à formação para internos e o restante tempo centrado na discussão do futuro da Nefrologia.

“O facto de este ser o 25.º simpósio demonstra o empenho do nosso Serviço na formação e na atualização. Este ano, pretendemos abordar o futuro da Nefrologia, tocando em tópicos como o impacto da inteligência artificial e *big data* na forma como a Nefrologia é exercida, bem como a necessidade de modelos de financiamento alternativos, que sejam sustentados em *value-based health care*”, afirma o nefrologista na ULS de Lisboa Ocidental/Hospital de Santa Cruz. Entre os temas em análise, estarão ainda as novidades terapêuticas e o “relacionamento da Nefrologia com outras especialidades, num contexto multidisciplinar”.

“Prendemos também discutir o futuro dos tratamentos substitutivos da função renal e como poderemos caminhar para um contexto em que os tratamentos sejam cada vez mais ambulatoriais”, acrescenta.

O XXV Simpósio de Atualização em Nefrologia contará com intervenções de “membros da Or-



dem dos Médicos e responsáveis políticos, que contribuirão para a análise do que poderá mudar no futuro” da especialidade. Demonstrando esse foco no futuro, nas várias sessões, “estará sempre presente um interno de Nefrologia, seja como palestrante ou moderador, e ainda um especialista do Serviço organizador e outro especialista convidado”, revela Artur Mendes.

Na manhã formativa do primeiro dia, que será totalmente dedicada aos internos, em particular dos dois primeiros anos, estarão em evidência “a interpretação dos exames complementares de diagnóstico da Nefrologia e a abordagem do doente com lesão renal aguda, nomeadamente a diálise de emergência”. Aberto a cerca de 20 formandos, o curso incluirá ainda um módulo sobre diagnóstico e tratamento das glomerulonefrites, e uma componente mais prática para treinar procedimentos como a biópsia renal, a colocação de cateteres, os acessos vasculares e o POCUS (*point-of-care ultrasound*). ■ **Pedro Bastos Reis**



ATIVIDADE DA SPNP EM 2026

A Sociedade Portuguesa de Nefrologia Pediátrica (SPNP) organizará, nos próximos dias 26 e 27 de fevereiro, o IV Curso Online para Países de Expressão Portuguesa. Destinada a internos de Pediatria e de Nefrologia, clínicos gerais e pediatras de países de língua portuguesa, a formação centrar-se-á nas manifestações renais de doenças sistémicas em Pediatria. “Vamos falar sobre síndrome nefrótica secundária a infeções, lúpus eritematoso sistémico, doenças inflamatórias intestinais e infeções víricas ou bacterianas com atingimento renal”, antecipa a **Dr.ª Carmen do Carmo**, presidente da SPNP e nefrologista pediátrica na Unidade Local de Saúde de Coimbra.

A vasculite por imunoglobulina A e a doença de células falciformes serão também temas em destaque no curso, cuja definição do programa científico teve em conta sugestões dos participantes de edições anteriores. “No final de cada curso, aplicamos um questionário, para que os formandos possam dar o seu *feedback*. As manifestações renais de doenças sistémicas foram muito referidas, pelo que decidimos incluí-las no programa”, explica a presidente da SPNP.

A formação tenta dar particular destaque às necessidades dos médicos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), que têm participado ativamente. “O curso tem correspondido às expectativas, com uma adesão muito boa, o que nos motiva a dar-lhe continuidade”,

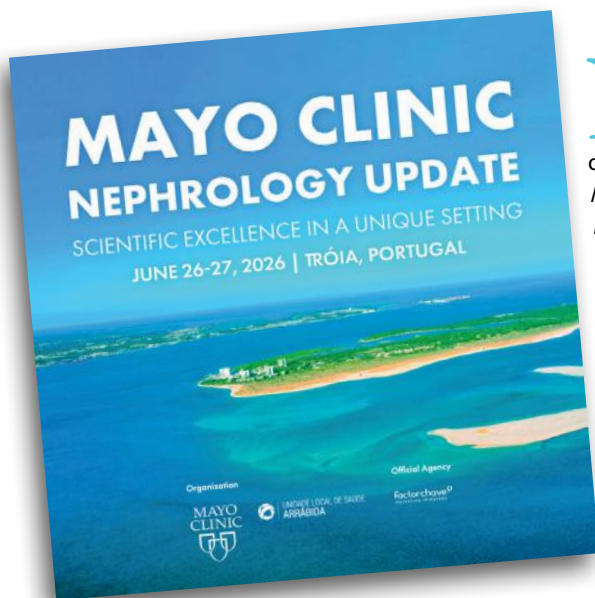
indica Carmen do Carmo, garantindo que os conteúdos desta 4.ª edição também atendem às mais recentes *guidelines* nacionais e internacionais.

Entre as restantes atividades da SPNP em 2026, evidencia-se a atribuição do prémio para a melhor publicação em nefrologia pediátrica de 2025, no valor de 500 euros, cujas candidaturas fecharam no passado dia 31 de janeiro. Estão também previstas atividades para assinalar o Dia Mundial do Rim, 12 de março.

Em termos de eventos científicos, o grande destaque é a Reunião Anual da SPNP 2026, cuja organização é partilhada com a Unidade de Nefrologia Pediátrica da ULS de São José/Hospital Dona Estefânia. Segundo Carmen do Carmo, “a reunião deverá decorrer em outubro ou novembro, em Lisboa”. A data concreta e mais informações serão divulgadas em breve. Por outro lado, a SPNP “continuará a colaborar com a Sociedade Portuguesa de Pediatria e com a Sociedade Portuguesa de Nefrologia, nomeadamente no âmbito do Encontro Renal”. ■ **Pedro Bastos Reis**



EXCELÊNCIA CIENTÍFICA EM NEFROLOGIA



Nos dias 26 e 27 de junho, a Península de Troia vai acolher o *Mayo Clinic Nephrology Update 2026*, um curso internacional que reunirá alguns dos mais reconhecidos especialistas mundiais da Nefrologia, para dois dias de “atualização científica de alto nível”. O tema central do encontro é “*Scientific Excellence in a Unique Setting*”.

Organizado pelo Serviço de Nefrologia da Unidade Local de Saúde da Arrábida (ULSA) e pelo *Mayo Nephrology Collaborative Group* (MNCG), o evento terá como foco central as doenças renais imunomediadas, os mecanismos de lesão renal e as terapias emergentes, tópicos que serão “integrados numa abordagem fortemente translacional e orientada para a prática clínica, numa era de grandes avanços na Nefrologia”, afirma a Prof.^a Karina Soto, diretora do Serviço de Nefrologia da ULSA, que preside o curso com o Prof. Fernando Fervenza, do MNCG.

O programa científico abrange as principais áreas da Nefrologia contemporânea, incluindo os últimos avanços em glomerulopatias, como a nefropatia membranosa, a nefropatia por IgA, as vasculites e a nefrite lúpica, entre outras. Serão igualmente abordadas as novidades na lesão renal aguda, a nefrotoxicidade e a genómica, bem como os avanços na transplantação renal e na monitorização imunológica. Estão ainda previstas sessões dedicadas a novas imunoterapias, estratégias dirigidas às células B, doenças mediadas pelo complemento, integração da genómica, nefrologia de precisão, entre muitos outros temas que, segundo Karina Soto, “se encontram na linha da frente da investigação científica”.

No encerramento do curso, decorrerá um painel de discussão sobre o futuro da nefrologia clínica, com enfoque nos contributos da inteligência artificial. “O corpo docente é internacional e de excelência, integrando especialistas da Mayo Clinic e de centros europeus de referência. São personalidades reconhecidas pelo seu contributo para a investigação translacional e a elaboração de guias internacionais, que irão partilhar ativamente a sua experiência clínica, conhecimento científico e perspectivas práticas”, sublinha a organizadora.

O *networking* é uma grande mais-valia do *Mayo Clinic Nephrology Update*, antevendo-se, segundo Karina Soto, “uma oportunidade para criar laços entre diferentes gerações de nefrologistas”.

■ Pedro Bastos Reis

Programa científico completo e inscrições no curso



NEFROLOGIA PARA NÃO NEFROLOGISTAS

O 11.º Curso Intensivo de Nefrologia para Não Nefrologistas, organizado pelo Serviço de Nefrologia da Unidade Local de Saúde da Arrábida (ULSA), afirma-se como “uma referência nacional na formação médica nesta área” e decorrerá a 14 e 15 de maio, nas instalações de Setúbal do Instituto de Emprego e Formação Profissional.

De acordo com a Prof.^a Karina Soto, diretora do Serviço de Nefrologia da ULSA, e a Dr.^a Ana Natário, nefrologista e coordenadora do curso, trata-se de “uma formação sólida, atual e diferenciadora, que é fundamental para a melhoria da literacia nefrológica dos médicos, a promoção de cuidados verdadeiramente integrados e o aumento sustentado da qualidade assistencial ao doente renal”. A abordagem do curso é “intensiva e orientada para os desafios reais da prática clínica quotidiana”.

Dirigido a médicos de diversas especialidades, este curso parte do princípio de que “a abordagem do doente com envolvimento renal ultrapassa o âmbito exclusivo da Nefrologia, exigindo competências específicas e uma visão integrada por parte de profissionais de diferentes áreas clínicas”. Nesse contexto, as comissões científica e organizadora integram nefrologistas, internistas, médicos de família, cardiologistas, urologistas, psiquiatras e nutricionistas.



Prof.^a Karina Soto



Dr.^a Ana Natário

“O objetivo é capacitar os cerca de 70 participantes para uma atuação clínica mais eficaz e centrada na identificação precoce, na avaliação adequada e na orientação correta dos doentes com patologia renal”, afirmam as responsáveis.

O programa científico incidirá sobre “temas nucleares da Nefrologia”, como a avaliação da função renal e da urina, os distúrbios hidroeletrólíticos, a lesão renal aguda e os estágios avançados da doença renal crónica (DRC). Serão também abordados temas “de elevada relevância clínica”, como a nefrotoxicidade, as infeções do trato urinário, as doenças glomerulares e a litíase urinária, com destaque para a forte interligação entre a doença renal e patologias sistémicas muito prevalentes, nomeadamente a diabetes *mellitus*, a obesidade, a hipertensão arterial e a insuficiência cardíaca.

Segundo Karina Soto e Ana Natário, o Curso Intensivo de Nefrologia para Não Nefrologistas encontra-se “plenamente alinhado com o Plano de Ação para a Implementação da Estratégia Nacional para a Promoção da Saúde Renal e Cuidados Integrados na Doença Renal Crónica 2023-2026”. Nesse sentido, é dada especial relevância à deteção precoce da DRC, à estratificação de risco e ao encaminhamento atempado para a Nefrologia, “pilares essenciais de cuidados mais eficientes, integrados e verdadeiramente centrados no doente”. ■ Pedro Bastos Reis



Daniel vive com
Doença Renal Crónica

Nefrologia:

Lançamento de fármacos da próxima geração

As pessoas que sofrem de doença renal crónica enfrentam um caminho longo e difícil, associado a inúmeras complicações que afetam gravemente a sua sobrevivência e a sua qualidade de vida. Estabelecemos parcerias com a comunidade médica, para melhorar a vida dos doentes com necessidades médicas não satisfeitas, abordando todo o espectro da doença renal crónica.

Para mais informação visite cslvifor.pt

PT-NA-2500062 novembro 2025

Driven by **Our Promise**

HOMENAGEM AO PROF. JACINTO SIMÕES, “O PAI DA NEFROLOGIA PORTUGUESA”

No dia em que celebraria 100 anos de vida, o Prof. Jacinto Simões, figura incontornável da Medicina portuguesa, foi homenageado numa sessão organizada pela Sociedade Portuguesa de Nefrologia. Na manhã de 1 de novembro passado, colegas, amigos e familiares reuniram-se no Teatro Avenidas, em Lisboa, para partilhar testemunhos que comprovam uma carreira clínica e académica de excelência, assim como um humanismo que deixou uma marca profunda em várias gerações.

Prof.ª Patrícia Branco, Prof. António Rendas, Dr. José Miguel Boquinhas, Prof. João Bernardo Simões Corrêa e Dr.ª Cristina Jorge.

Raquel Oliveira

Nuno Branco

A Prof.ª Patrícia Branco abriu a sessão evocando Jacinto Simões como “um homem de dimensão excecional, pioneiro para lá da Nefrologia”. Contextualizando a sua ação num período histórico particularmente exigente, valorizou o facto de, “em tempos de ditadura, ter percebido a importância da educação, do conhecimento e do papel da academia”.

A nefrologista reconheceu ser “uma honra e um privilégio” dirigir o Serviço fundado por Jacinto Simões e integrar a sua “terceira geração de discípulos”, o que encara também como um compromisso. “Temos a responsabilidade acrescida de manter a qualidade e a inovação que o Prof. Jacinto Simões trouxe a esta área do conhecimento e da Medicina”, afirmou a diretora do Serviço de Nefrologia do Hospital de Santa Cruz, na ULS de Lisboa Ocidental, destacando a presença, na homenagem, de várias gerações formadas sob a sua influência, que “darão continuidade ao seu pioneirismo”. Patrícia Branco realçou ainda “a visão humanista assente nos valores de igualdade, liberdade e justiça que sempre balizaram a sua vida e que, hoje, são tão ameaçados”.

Seguiu-se a intervenção da Dr.ª Cristina Jorge, diretora do Serviço de Nefrologia da ULS de São José/ Hospital Curry Cabral, em Lisboa, cujo internato, no Hospital de Santa Cruz, ficou marcado pela convivência com Jacinto Simões. “Foi o meu primeiro diretor, tendo-me acompanhado na primeira metade do internato”, recordou, admitindo que, na época, os internos “não tinham noção da dimensão que este ocupava na Nefrologia portuguesa”.

Entre as memórias mais marcantes do seu antigo diretor de Serviço, Cristina Jorge enalteceu a “mentalidade aberta em relação às múltiplas dimensões da vida dos colegas”, recordando um episódio em que autorizou, com naturalidade, a sua participação nos Jogos Médicos Nacionais. Outro momento que guarda foi a possibilidade, inédita à época, de internos do Serviço participarem num congresso americano de Nefrologia. Assim, na década de 1990, Cristina Jorge acompanhou Jacinto Simões numa viagem até San Diego, nos Estados Unidos, experiência que lhe permitiu “conhecer outras facetas de uma pessoa tão importante na Nefrologia portuguesa”.

AS MEMÓRIAS DOS PRIMEIROS DISCÍPULOS

De seguida, tomou a palavra o Dr. José Miguel Boquinhas, começando por “reconhecer o Prof. Jacinto Simões como uma figura determinante para o desenvolvimento da Nefrologia em Portugal e para o seu prestígio internacional”. O início da relação profissional de ambos remonta a 1979, quando Jacinto Simões, então chefe de



A Dr.ª Ana Farinha (de pé) representou a Sociedade Portuguesa de Nefrologia, da qual é vice-presidente.

serviço do Serviço de Medicina II do Hospital de Santo António dos Capuchos, o convidou a “desenvolver o Serviço de Nefrologia do recém-criado Hospital de Santa Cruz, num tempo em que os doentes com insuficiência renal crónica terminal tinham, frequentemente, de recorrer a unidades no estrangeiro”.

Descrevendo Jacinto Simões como “um visionário”, José Miguel Boquinhas constatou que “nem sempre era um homem fácil, e muito menos consensual, o que não quer dizer que não tivesse imensos amigos”. “O rigor, o empenho e a proatividade levavam-no, por vezes, ao confronto aberto, mas leal. Era um clínico de enorme qualidade, muito inteligente e de fino raciocínio”, relatou, destacando ainda a “grande capacidade de trabalho” e a confiança que depositava nos mais jovens.

José Miguel Boquinhas, que sucedeu a Jacinto Simões na direção do Serviço de Nefrologia do Hospital de Santa Cruz, mostra-se otimista quanto à preservação do legado: “Honrando a sua memória, o Serviço terá um futuro de qualidade assistencial garantido e manterá o seu prestígio intocável”.

Por seu turno, o Prof. António Rendas caracterizou Jacinto Simões como “uma personalidade singular na sociedade portuguesa e um homem atento ao mundo, mesmo na fase final da sua vida, com uma visão cósmica, cosmopolita e comprometida com o futuro da Medicina e das instituições que a sustentam”. Foi por isso que “criticou a oportunidade perdida com a quebra de laços entre a Faculdade de Ciências Médicas [FCM] e os Hospitais Cívicos de Lisboa” e que assumiu “um papel importante na viabilização do polo de investigação biomédica nas antigas instalações do Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana”.

De acordo com António Rendas, Jacinto Simões acreditava na necessidade de dotar a FCM de infraestruturas adequadas à investigação moderna, pelo que se bateu por esse objetivo, “chegando mesmo a enfrentar objeções infundadas, como a acusação de que tal levaria à destruição de uma enfermaria construída segundo um modelo de referência internacional, perdendo-se assim um valor patrimonial e histórico”. “Só foi possível ultrapassar este impasse através de uma análise feita, no local, por uma comissão coordenada pelo Prof. Jacinto Simões, que incluiu o reputado Prof. José Augusto França”.

Na impossibilidade de estar presente no local, o Dr. João Barroso Soares deixou uma mensagem em vídeo, evocando uma amizade de longa data e a “célebre ‘sopa do Jacinto’, em Carnaxide, ponto de encontro dominical, onde amigos apareciam sem avisar e se desenvolviam as mais animadas tertúlias”. A proximidade dos dois intensificou-se por “via maçónica” e João Barroso Soares recordou como, para Jacinto Simões, “os rituais eram secundários, privilegiando os valores da liberdade, da igualdade e da solidariedade, aos quais sempre foi fiel”.

Definindo-o como “um homem que era amigo do seu amigo, de extraordinária convivialidade e simpatia pessoal”, também “enquanto médico era excecional e inspirava imediata confiança”. Já internado no Hospital de Santa Cruz, recebeu visitas regulares de amigos, e um dos episódios que João Barroso Soares recorda foi quando, a seu pedido, lhe levaram clandestinamente o gato, “o que lhe trouxe uma enorme alegria”. “O exemplo de Jacinto Simões faz imensa falta aos amigos e à Medicina portuguesa”, concluiu.



Vídeo e fotografias da sessão “100 anos do nascimento do Professor Jacinto Simões”



Vários nefrologistas, assim como familiares e amigos do Prof. Jacinto Simões, marcaram presença na sessão de homenagem.

O AVÔ E O ESCRITOR

O testemunho do Prof. João Bernardo Simões Corrêa, neto de Jacinto Simões, acrescentou à homenagem uma dimensão íntima e familiar. “O convite para o centenário de alguém que conhecemos tão intimamente e que moldou tão decisivamente a nossa vida tem algo de irreal”, referiu o psiquiatra, notando que, “durante muito tempo, o dia 1 de novembro foi um dos momentos altos do ano”. “Após um crescendo de preparativos, a casa dos avós abria-se a um cortejo de amigos de todas as áreas, que dispensavam convite, porque aquele era o dia do Jacinto!”

João Bernardo Simões Corrêa recorda o privilégio de, durante o internato geral, ter acompanhado, semanalmente, o avô no consultório, onde sentiu que, “mais do que aprender Medicina, estava a aprender a ser médico”. Foi aí que, um dia, ouviu de um doente: “Temos de aceitar que o seu avô é um Deus da Medicina.”

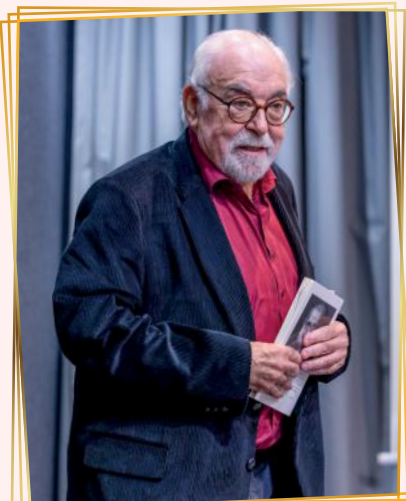
Após a morte de Jacinto Simões, João Bernardo Simões Corrêa reencontrou o avô nos livros de Camilo Castelo Branco, o seu autor favorito: “Estava tudo lá

– a ironia, o espírito crítico e a lucidez.” Mesmo na velhice, o avô manteve “uma juventude interior evidente num sorriso, num olhar cúmplice”. A imagem que ainda hoje guarda na memória é disso prova, quando, ao caminharem juntos no Chiado, o avô lhe seguiu os passos pisando apenas as faixas pretas do passeio, num gesto infantil e cúmplice. “Além de tudo o que lá tinha dentro, tinha também um gaiato”, comentou.

A finalizar a sessão, o escritor **Luís Machado, secretário-geral da Associação Portuguesa de Escritores**, abordou a dimensão literária de Jacinto Simões, uma faceta pouco conhecida. Foi numa das tertúlias por si organizadas no Café Martinho da Arcada, em Lisboa, protagonizada por Mário Soares, que conheceu Jacinto Simões e que este lhe confidenciou que, às vezes, escrevia poesia, prometendo enviar-lhe alguns poemas para apreciação. Duas semanas depois, recebeu duzentos.

O que o nefrologista denominava de meros “versos quebráveis” eram, afinal, “poemas com força e musicalidade”. A partir desse momento, Luís Machado incentivou Jacinto Simões a publicar a sua poesia, algo que, após alguma renitência, acabaria por acontecer: em vida, o médico publicou três livros, sendo que estava já preparada uma quarta obra, cuja edição foi inviabilizada pela sua morte.

A homenagem terminou com a leitura dos poemas “As Palavras”, “Esquerda Teatral” e “Privilégio de Chorar os Mortos”, por Luís Machado. ■



QUEM FOI JACINTO SIMÕES?

Nascido a 1 de novembro de 1925, Jacinto Simões iniciou a sua carreira nos Hospitais Cívicos de Lisboa, após ter-se formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Criou, nos anos de 1960, o Centro de Reanimação do Hospital Curry Cabral, unidade polivalente integrada no Serviço de Medicina Interna, onde eram tratados os casos de insuficiência renal aguda. Passou um período no Hospital de Santo António dos Capuchos e, em 1980, fundou o Serviço de Medicina Interna e Nefrologia do Hospital de Santa Cruz, onde foi pioneiro no tratamento da insuficiência renal. Em 1981, iniciou neste hospital a diálise peritoneal contínua ambulatorial e, em 1985, relançou o programa de transplantação renal.

Jacinto Simões desenvolveu ainda uma importante carreira docente, contribuindo, sobretudo, para a investigação clínica. Aos 67 anos, concluiu o seu doutoramento pela Faculdade de Ciências Médicas, onde se jubilou como professor catedrático convidado. Pela sua carreira pioneira, foi condecorado pelo então Presidente da República, Mário Soares. Faleceu a 7 de novembro de 2010, dia do nascimento do seu pai.

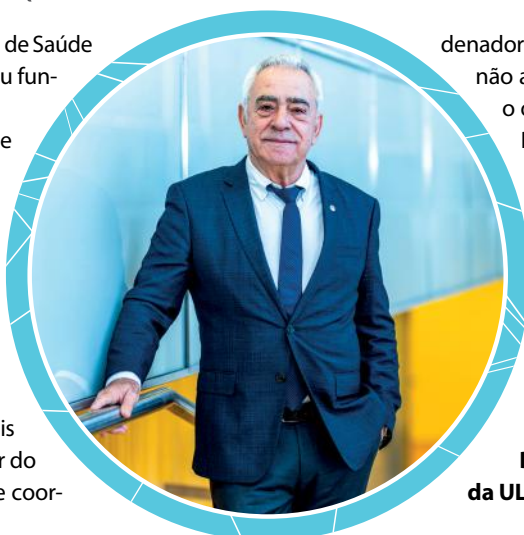
IN MEMORIAM

DR. ERNESTO ROCHA (11/05/1955 – 08/02/2026)

O Serviço de Nefrologia da Unidade Local de Saúde (ULS) de Castelo Branco viu partir o seu fundador, Dr. Ernesto Fernandes Rocha.

Figura incontornável da Medicina portuguesa e do distrito de Castelo Branco, o Dr. Ernesto Rocha foi presidente do Conselho Distrital da Ordem dos Médicos (OM) durante mais de uma década, coordenador da implementação do curso de Medicina da Universidade da Beira Interior na ULS de Castelo Branco, para além do contributo que deu ao Colégio da Especialidade de Nefrologia da OM.

Na ULS de Castelo Branco, desempenhou papéis fulcrais, como adjunto da direção clínica, diretor do internato médico, diretor da consulta externa e coor-



denador da colheita de órgãos. O Serviço de Nefrologia perdeu não apenas o seu fundador, mas também o chefe, o líder, o orientador e o amigo de todos os seus colaboradores. Perdemos quem, desde cedo, nos ensinou que estamos cá pelo e para o doente, porque “primeiro somos seres humanos, depois médicos e só por último somos nefrologistas”.

O seu legado permanecerá no Serviço de Nefrologia da ULS de Castelo Branco por vários anos, mantendo viva a sua memória. Como sempre nos disse: “O caminho faz-se caminhando...na direção certa!”

Até sempre, chefe!

Dr.ª Joana Coutinho, diretora do Serviço de Nefrologia da ULS de Castelo Branco



O *Magic: The Gathering* é uma paixão que acompanha o Dr. Hugo Diniz desde os seus 10 anos. Nos três primeiros anos do internato em Nefrologia, investiu ainda mais na vertente competitiva e acabou por conquistar o 23.º lugar no campeonato mundial de 2014, em Nice. No ano seguinte, ficou em 8.º lugar no *Grand Prix Paris*, garantindo qualificação direta para o *Pro Tour Magic Origins*, em Vancouver, “um torneio de elite”, que terminou no *top 50*. Hoje em dia, com a dedicação à família e à carreira, particularmente à nefrologia de diagnóstico e intervenção, o nefrologista na Unidade Local de Saúde (ULS) de São João joga casualmente e *online*.

Raquel Oliveira

Egídio Santos

MAGIA DA ESTRATÉGIA

A entrada na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto implicou uma pausa relativa, até porque se envolveu em projetos como a Comissão de Curso e a Tuna de Medicina do Porto. O regresso, em força, ao circuito competitivo do *Magic* deu-se nos primeiros anos da carreira médica. “Em 2014, no ano comum, com mais tempo e algum dinheiro, voltei aos torneios e percebi que ainda sabia jogar”, conta, entre sorrisos.

Criado em 1993, o *Magic: The Gathering* é um jogo de cartas colecionáveis baseado em estratégia. Cada jogador constrói um baralho de 60 cartas a partir de milhares existentes em cinco cores. Cada carta representa uma criatura ou um feitiço e o objetivo é derrotar o adversário, levando-o dos 20 aos 0 pontos. “É um jogo fácil de aprender, mas extremamente difícil de dominar”, afirma Hugo Diniz, destacando a liberdade de ação: “Dois jogadores de alto nível vão customizar o mesmo baralho de maneira diferente, e é isso que é tão interessante e leva as pessoas a jogarem sem nunca se cansarem!”

REPRESENTAÇÃO NACIONAL, ALÉM-FRONTEIRAS

Em 2014, aos 24 anos, Hugo Diniz qualificou-se para a *World Magic Cup*, que decorreu nesse ano, em Nice, onde alcançou o 23.º lugar. Guarda esse momento como “o mais especial”, por, além de ter sido a estreia internacional, “ter jogado em equipa, com mais três elementos, que se tornaram amigos”. Apesar de o *Magic* ser essencialmente individual, esta prova joga-se em equipa e permite a comunicação constante entre os jogadores. “Partilhar decisões, vitórias e derrotas com compatriotas torna tudo mais intenso!”, declara.

No ano seguinte, o nefrologista participou no *Grand Prix Paris*, onde ficou em 8.º lugar e garantiu a qualificação direta, com direito a alojamento e transporte, para o *Pro Tour Magic Origins*, em Vancouver, “um torneio de elite”, que terminou no *top 50*. Seguiram-se competições em várias cidades europeias, como Barcelona, Lyon, Birmingham e Amsterdão. “A cada dois meses, praticamente, ia jogar num *grand prix*”, recorda.

AFASTAMENTO PROGRESSIVO DA COMPETIÇÃO

Ao longo dos anos, Hugo Diniz especializou-se, sobretudo, no formato *Modern*, que permite usar cartas lançadas nos últimos 15 anos e, por isso, “é mais estável e menos dependente das coleções recentes”. A sua carta favorita é a *Primeval Titan*, “uma criatura verde que, ao permitir buscar do baralho uma combinação de dois terrenos, é muito versátil”. “É uma estratégia que uso há pelo menos uma década e continua a ser competitiva”, explica.

Natural do Funchal, Hugo Diniz, de 36 anos, lembra-se bem do primeiro contacto com o *Magic: The Gathering*, através de “um tio ligado às artes plásticas, que começou a comprar cartas numa perspetiva de apreciação artística”. A curiosidade passou rapidamente para os primos e acabou por aprender numa férias de verão. “A partir daí, fiquei completamente ‘colado’. Na adolescência, ia a torneios locais quase todas as semanas”, recorda. Aos 14 anos, iniciou a vertente competitiva, participando em campeonatos nacionais, que, geralmente, decorriam em Lisboa.

Hugo Diniz com os colegas de equipa na *World Magic Cup* 2014, em Nice.



Em 2015, Hugo Diniz chegou aos quartos de final do *Grand Prix Paris*, garantindo qualificação direta para o *Pro Tour Magic Origins*, em Vancouver, “um torneio de elite”, que terminou no *top 50*.



Um dos jogadores que enfrentou foi o brasileiro Willy Edel. A equipa portuguesa ficou em 23.º lugar.





Embora tenha milhares de cartas, o nefrologista nunca quis ser colecionador. “Sempre comprei as cartas de que precisava para os baralhos que queria jogar.” No entanto, reconhece o valor simbólico e financeiro das cartas mais icônicas. “Algumas podem valer centenas de milhares de dólares, como a *Black Lotus*”, revela. A sua carta mais valiosa é a *Survival of the Fittest*, que tem quase 30 anos e nunca foi reimpressa, pelo que “o seu valor pode facilmente atingir os quatro dígitos”.

Os bons resultados trouxeram prémios monetários e um reconhecimento crescente no circuito profissional do *Magic: The Gathering*. No entanto, em 2017, tornou-se evidente que conciliar a vertente competitiva com a carreira médica seria difícil. Então, Hugo Diniz passou a jogar por picos relacionados com os torneios. Com o nascimento do primeiro filho, em 2022, privilegiou o formato *online*, embora prefira o presencial. “O *Magic* ao vivo tem uma dimensão humana que se perde no computador. A linguagem não verbal dá-nos muitas pistas sobre a força ou a fraqueza das cartas do adversário”, justifica.

Em 2024, com o nascimento da filha, deixou definitivamente de participar em torneios, jogando apenas *online* e casualmente. Olhando para trás, considera que “o balanço é muito positivo”, porque, além dos prémios, conheceu pessoas com *backgrounds* completamente diferentes.

DEDICAÇÃO À NEFROLOGIA DE DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO

Foi logo no curso de Medicina que Hugo Diniz descobriu o seu interesse pela fisiologia renal e pela biopatologia. O contacto com o Prof. João Frazão, especialista em Nefrologia e Medicina Interna, como docente e orientador da sua tese de mestrado, na área da doença mineral óssea, “foi o *trigger* para perceber que queria seguir Nefrologia”. Todo o internato decorreu na atual ULS de São João, onde continua a exercer.

O interesse pela nefrologia diagnóstica e de intervenção surgiu durante o estágio de hemodiálise, na colocação de cateteres, coincidindo com a expansão da ecografia *point-of-care* (POCUS) noutras especialidades. “A possibilidade de visualizar, à cabeceira do doente, o que realmente se está a passar, em vez de inferir apenas pela auscultação, permitindo intervir com maior segurança, entusiasmou-me imenso”, explica.

Como a formação em POCUS para nefrologistas não estava ainda estabelecida em Portugal, procurou conhecimento junto de outras especialidades e no estrangeiro, realizando formações em Itália, Países Baixos, Brasil, França e Espanha. Hoje em dia, “já não é estranho falar-se de POCUS”, mas, em 2017, “quando andava com o ecógrafo pelo Serviço de Nefrologia, era olhado com ar jocoso”, lembra.

Hugo Diniz começou a colaborar com a empresa POCUSX e participou na criação do primeiro curso de POCUS aplicado à Nefrologia. Desde 2022, já foram formados cerca de 100 colegas. Apesar de a disponibilidade de ecógrafos ainda ser “uma grande barreira”, acredita que a queda do preço da tecnologia e a generalização dos ecógrafos de bolso inverterão o cenário. “Provavelmente, na próxima década, ter um ecógrafo será como ter hoje um estetoscópio”, avança.

COLABORAÇÃO ESTREITA COM A ERA

No início de 2024, Hugo Diniz assumiu a coordenação da nova Unidade de Hemodiálise Domiciliária da ULS de São João, “um sonho antigo do Serviço de Nefrologia”. Após uma fase-piloto, com apenas dois doentes, os resultados foram evidentes. “Além do impacto clínico, verificámos uma grande melhoria ao nível mental e social dos doentes, com a diálise adaptada à sua



Versão em português da carta preferida de Hugo Diniz.



Titã Primordial é a carta favorita de Hugo Diniz, que faz sempre questão de a incluir no seu baralho de jogo.

O nefrologista tem milhares de cartas de *Magic: The Gathering*, que joga desde os 10 anos.



rotina e não o contrário”, comenta. Após um primeiro ano bem-sucedido, já foi integrado o terceiro doente e o seguinte está em processo de seleção. O nefrologista espera que “outros centros se associem a este movimento transformador do *status quo* nacional”.

Paralelamente, Hugo Diniz tem uma colaboração ativa com a European Renal Association (ERA). Em 2019, começou por integrar a equipa de *social media*, que estava a formar-se, o que lhe deu a oportunidade de, entre outras atividades, cobrir diversos congressos. Entre 2023 e 2024, liderou esta equipa. Além disso, nos três últimos anos, fez parte do *board* da *Young Nephrologists' Platform*, com um balanço muito positivo. “Consegui lutar pela nefrologia de intervenção! Incluímos um curso de POCUS no congresso da ERA de 2023, em Milão, e contribuímos para o programa de *fellowship* em nefrologia de intervenção, ao qual a ULS de São João se associa. No primeiro ano [2025], foram atribuídas dez bolsas de estágio e o nosso centro vai receber dois desses colegas”, conta.

No início de 2025, Hugo Diniz integrou o *board* editorial do *ERA Neph-Manual*, que pretende ser “um livro ‘vivo’, capaz de abarcar os grandes temas da nefrologia e de servir como ferramenta de preparação para o exame europeu”, adianta. Através de uma rede de colaboração internacional, “o livro será atualizado, pelo menos, semestralmente”. Atualmente, está em curso a elaboração de um capítulo sobre inteligência artificial (IA), pela qual é um assumido entusiasta. “A IA pode reduzir a carga administrativa, que é um elemento causador de grande stresse e *burnout* aos médicos. Temos de adaptar à Nefrologia, mas, considerando as primeiras impressões, o futuro é promissor”, acredita. ■

Declarações em vídeo sobre o fascínio de Hugo Diniz pelo *Magic: The Gathering* e os destaques do seu percurso profissional



CONHECER O MUNDO

Hugo Diniz é também “um apaixonado por viagens”. Por isso, aproveitou sempre as idas aos torneios internacionais de *Magic: The Gathering* para descobrir novos lugares, “conhecer o mundo”. Além disso, até ao nascimento dos filhos, fazia sempre uma grande viagem por ano, de mochila às costas. O Japão, as Filipinas e a Patagónia são os destinos que considera mais marcantes. “O Japão é um *clash* entre o tradicional e o futurismo, com uma cultura que respeita muito o *geek*, o *nerd* e os jogos de cartas”, comenta. Nos últimos anos, como os filhos são ainda pequenos, tem restringido as viagens à Europa.



Daniel vive com
Doença Renal Crónica

Nefrologia:

Lançamento de fármacos da próxima geração

As pessoas que sofrem de doença renal crónica enfrentam um caminho longo e difícil, associado a inúmeras complicações que afetam gravemente a sua sobrevivência e a sua qualidade de vida. Estabelecemos parcerias com a comunidade médica, para melhorar a vida dos doentes com necessidades médicas não satisfeitas, abordando todo o espectro da doença renal crónica.

Para mais informação visite cslvifor.pt

PT-NA-2500062 novembro 2025

Driven by **Our Promise**